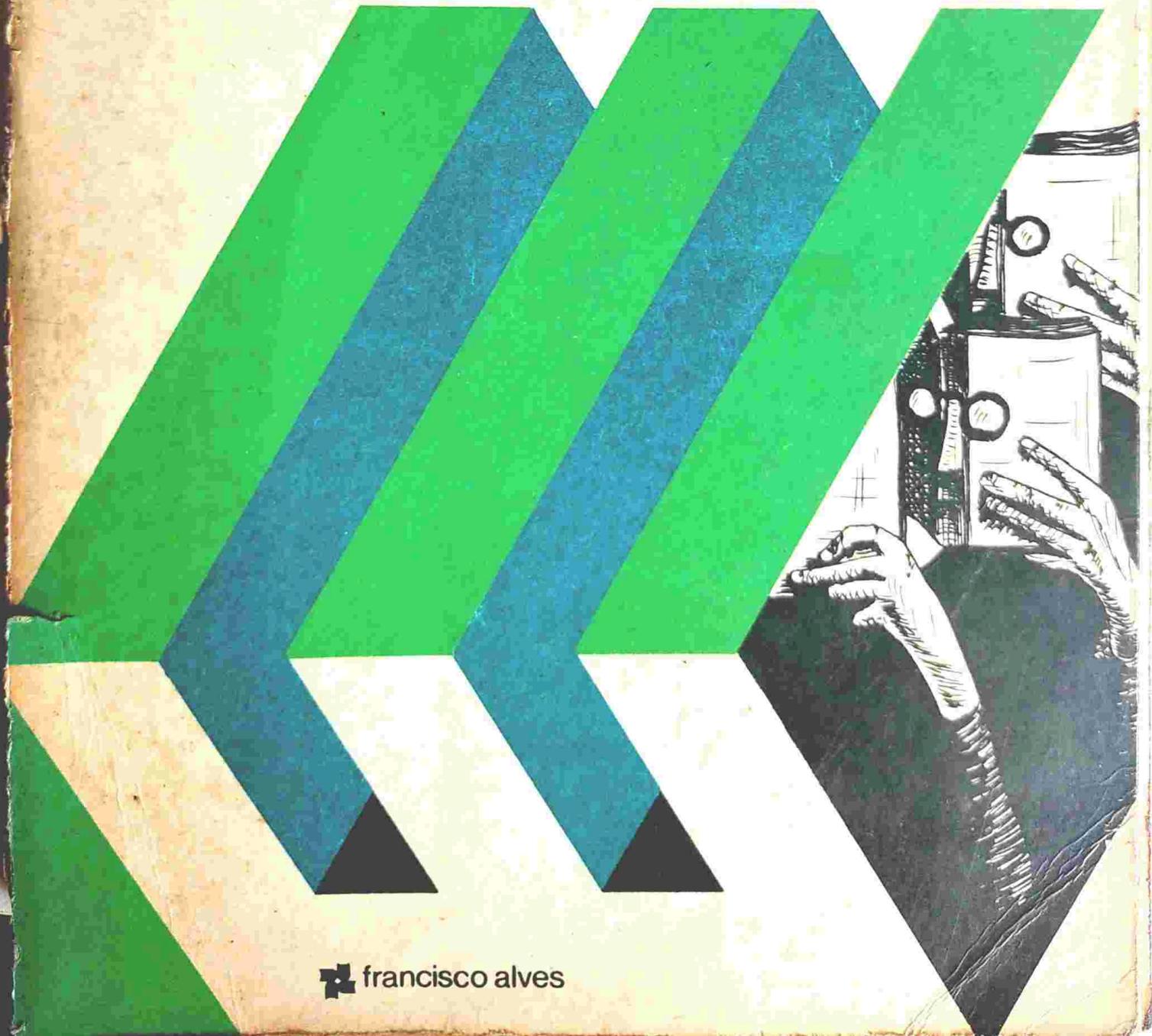


EDUCAÇÃO IMPOSSÍVEL

MAUD MANNONI



III

DA ANTIPSIQUIATRIA A ANTIPEDAGOGIA

Tens o direito de fazer
Tudo o que te dizemos.
Mas não deves dizer
O que te fazemos.
Tens o direito de proceder
às mudanças
Que te pedimos.
Mas não tens o direito
de pedir
Que mudemos.
Tens o direito de andar
por onde queremos
Mas não tens o direito
de querer
Que nos vamos.

LIESLOTTE RAUNER

Os paradoxos da teoria como saber

No ponto em que está o nosso trabalho, é-nos possível (era-nos necessário) reverter ao nosso ponto de partida e assinalar a incompatibilidade de nossa prática com uma certa concepção da teoria como saber. Com efeito, isso vai levar-nos a estabelecer o confronto entre o que se poderia chamar a nossa antipedagogia e as posições da antipsiquiatria.

1 — Da reclusão psiquiátrica à antipsiquiatria

Como recorda Foucault¹, se o conceito de “criança” permitiu, no século XIX, o desenvolvimento de um saber teórico acerca da infância, o seu principal efeito foi a sociedade encerrar o período da infância num sistema fechado e regulamentado, distinto do mundo do adulto. As idéias de *regressão patológica* e de *situação conflitante* puderam surgir então, sem que por isso se contestasse o caráter das instituições (pedagógicas, médicas etc.) responsáveis por um tipo de neurose vinculada a uma forma de civilização.

Daí resulta que o discurso atual sobre a “doença mental” (e a descoberta da infância excepcional) cobre uma prática

que, por intermédio do diagnóstico precoce, faz da criança "doente" a verdadeira fiadora da instituição. A própria psicanálise, recuperada no discurso da instituição, é proposta para a colmatagem de um mal-estar vital. Porque negligenciou de mais as questões que se formulam no plano das instituições, o saber teórico da psicanálise não logrou, de uma certa maneira, subverter a psiquiatria.

Mais do que isso: a dicotomia psiquiatria/psicanálise criou uma situação em que a psicanálise passou a ser assunto exclusivo da classe intelectual, deixando a psiquiatria conservar do seu lado a tradição de práticas médicas de origem empírica, escoradas posteriormente por teorias que funcionam como justificação imaginária.

Nos primórdios de sua carreira, Freud defrontou-se com a inércia dessas mesmas práticas ou rotinas médicas?. Por outro lado, ele teve que afastar sucessivamente do campo de sua própria prática a hidroterapia, a eletroterapia e a hipnose. A própria psicanálise, no decurso de sua história, expôs-se continuamente ao risco de se encontrar reduzida a uma terapêutica pura ou a uma prática que qualquer teoria, não importa qual, poderia indiferentemente justificar.

A ideologia médica

A obediência a práticas não verdadeiramente interrogadas é ainda mais rotineira no campo da psiquiatria do que no da medicina; uma descrição resumida da origem da hidroterapia servir-nos-á de exemplo.

De maneira inteiramente acidental, Jan-Baptist Van Helmont (1577-1644) verificou a melhora de um de seus pacientes que fora recuperado após afogamento; seu neto, Franciscus Mercurius Van Helmont, reenceitou mais tarde essas observações (por volta de 1690) e delas fez uma aplicação sistemática. O doente, suspenso pelos pés a uma corda que passava por uma roldana, era completamente mergulhado na água, todo atado e de cabeça para baixo, até perder o conhecimento. Fazia-se depois o paciente voltar a si, colocando-lhe uma "faca bem aguçada no ânus"; esta faca devia servir para fazer eva-

cuar a água engolida, causa — segundo se julgava — da morte por afogamento.

Fundamentada na observação de um fato único, essa prática substituiu por largo tempo, apesar de uma elevada taxa de acidentes mortais e sem que se sonhasse sequer em justificá-la por algum saber. Encontramo-la, sob diversas formas, na origem de muitos tratamentos médico-psicológicos. Itard empregava a água quente para desenvolver a sensibilidade, du Bois-mont (1798-1881) fez dela (com pacientes que sorriam de alucinações) um uso coercivo no decurso de um "tratamento moral".

Ficamos devendo a Freud estabelecer a verdade sobre o que se passava com a hidroterapia, em Viena e no seu tempo; tratava-se menos do calor do banho do que da relação criada pelo paciente com a sua enfermeira.

A invenção da eletroterapia coube a um cientista não-médico, John Wesley (1703-1791), muito preocupado, ao que consta, com o bem do próximo. Ele imaginara uma máquina eletrostática que deveria servir para administrar aos enfermos choques salutares. Todos conhecemos os desenvolvimentos registrados até aos dias de hoje por essa prática (os eletrochocs); sabemos também que Freud teve de rechaçá-la.

Benjamin Franklin esteve sem querer na origem de uma nova prática, graças à noção de *fato hipnótico* (em contraste com o "magnetismo"). Retomadas sob o nome de "neuropnologia" por James Braid, as suas pesquisas chegaram, através da Escola de Nancy, até Charcot e Freud. Também neste caso, Freud foi quem acabou por fornecer a explicação teórica.

A psiquiatria, em sua história, foi-se constituindo, portanto, na base de práticas sucessivas sem relação alguma com uma teoria científica; e, na maioria dos casos, foi a necessidade de justificar essas práticas que orientou a reflexão psicanalítica.

Partindo de observações clínicas sobre os outros e sobre si mesmo, Freud, por seu lado, elaborou a teoria analítica. Se a elaborou, foi através da análise rigorosa do que, em suas observações, equivalia a seus próprios fantasmas ou "delírios": — e nessa direção das próprias pesquisas se situava, para ele, a verdade científica. O método que ele assim inaugurou — assinalando o lugar que ele próprio ocupava na aventura — permitiu-lhe romper com o espírito médico de sua época. Mas a psicanálise, nos desenvolvimentos que lhe deram os sucessores

de Freud (por exemplo, nos Estados Unidos), nem sempre soube (mais do que a psiquiatria) desprender-se suficientemente da ideologia da época. As idéias psicanalíticas viram-se por vezes adicionadas ao "saber" psiquiátrico, sem que a tradição de pensamento em que este último ocorre tenha sido por isso modificada¹.

Tentarei definir de maneira mais precisa essa interferência das idéias psicanalíticas e psiquiátricas no discurso dominante.

A ideologia do rendimento

A psiquiatra (e, acidentalmente, a psicanálise) parece estar hoje preocupada, acima de tudo, em adaptar o indivíduo às necessidades de uma sociedade de produção. Elabora-se um saber teórico que procura justificar as noções de maturidade ou de dependência, de sanidade ou de loucura. Esse saber é posto ao serviço de idéias de rendimento e eficácia — e isso produz efeitos sobre os programas escolares ou os tipos de instituições educacionais e assistenciais criadas. O mito de uma medicina fiadora da norma desenvolveu-se ao ponto de incitar o legislador (lei de 15 de julho de 1970) a tornar obrigatório o recenseamento de distúrbios psicológicos antes dos dois anos de idade.

Se tal levantamento pode revestir-se de um sentido em medicina (pois constitui uma abertura para a "assistência terapêutica"), em psiquiatria⁵ ele é, pelo contrário, patogênico; favorece as medidas de segregação, fixando a criança num diagnóstico responsável por uma modificação da situação.

Assim, após a era da descoberta da infância, veio a era da *infância enferma*. Empenhado em administrar a vida da criança, o legislador conduziu-se, na colocação das estruturas, como uma mãe ansiosa e superprotetora (os distúrbios, ainda que secundários ou de somenos importância, são "medicalizados"... para fins de controle).

Foi a partir de tais desenvolvimentos que Thomas Szasz pôde descobrir, por detrás do que se chama a "doença mental", um sistema de valores, e na psicoterapia uma "manipulação desse sistema de valores"⁶.

Por seu lado, Ivan Illich⁷ acusa a instituição psiquiátrica (e social, de um modo geral) de se ter transformado numa

jurisdição moral que regulamenta as necessidades do homem (as que ele deveria ter), assim como o grau de desenvolvimento intelectual que seria lícito esperar dele. A programação que resulta desse saber teórico (sobre o homem), posta ao serviço da administração, cria uma situação conflitante que engendra a revolta e a repressão.

Portanto, certas teorias psiquiátricas, sob a influência da ideologia do rendimento, têm por efeito mascarar as questões que realmente se propõem à experiência⁸. O saber teórico reaparece sob os traços de um poder administrativo⁹ cuja estratégia é a da *gerência* industrial, a qual é, por sua vez, justificada pela medicalização. Também a própria psicanálise se limita, com bastante frequência, a oferecer apenas explicações metapsicológicas, quando deveria ser examinado o que se nos depara no problema da loucura e interrogado o arcaísmo das instituições responsáveis pela produção de uma forma de expressão "patológica"¹⁰.

Foucault deixa entrever a espécie de cesura introduzida, no caso do psicótico, entre o indivíduo e a sociedade; enquanto que o neurótico faz ouvir em si mesmo a voz da sociedade (sob a forma de censuras, recriminações, encorajamentos etc.), o psicótico, ao recusar essa voz, deixa escapar um dizer sem limitações nem constrangimentos que nos perturba (o seu sofrimento reside no que ele padeceu para chegar aí — mas a sua "loucura" é uma solução. É essa a resposta com que o médico se depara. Se há toda uma literatura de enternecimento acerca do "sofrimento", esse enternecimento visa menos o sofrimento do paciente do que a culpa do médico ou dos pais, na medida em que são interpelados por esse "estranho" que lhes faz avaliar a enormidade de sua impotência).

O discurso antipsiquiátrico

O mérito da antipsiquiatria reside em ter procurado, concretamente à tradição, fazer falar essa voz (da loucura) fora do quadro institucional usual. O discurso psicótico é recebido publicamente na medida em que opera uma *ruptura* com as idéias recebidas e com um certo estilo de vida. A "loucura", longe de ficar escondida, é reivindicada na Inglaterra por uma

“elite” como um passaporte (personalidades conhecidas escrevem para a Câmara dos Comuns: façam desaparecer os hospitais psiquiátricos, *eu fui louco*). Os pacientes infringem o “segredo” de suas confidências ao psiquiatra, divulgando (em escritos) o seu depoimento sobre uma crise chamada “viagem”¹¹. Essas viagens tornaram-se o que Linton chama os “modelos de má conduta” socialmente reconhecidos, respeitáveis, ao ponto de serem vividos atualmente num modo que está prestes a tornar-se convencional. Não faz muito tempo, porém, o distúrbio psicótico acarretava em nosso tipo de sociedade um rebaixamento social, arrancando o “louco” ao seu quadro habitual.

A revolução que o discurso antipsiquiátrico está em vias de impor aos ingleses é que o psicótico (como é o caso entre os Sedang, citado por Devereux¹²) não mais poderá *fracassar*: o seu distúrbio fará parte integrante do grupo social em que ele vive. Assim, pode-se ver em Londres um psiquiatra eminentemente ora entregue aos cuidados de seus amigos, a título de delirante, ora assistindo ele mesmo aos seus pacientes, em suas funções reencontradas de médico-guru.

O que a psicanálise tinha conseguido impor, a título de identificação com o neurótico (através de uma análise pessoal), é reivindicado pelos antipsiquiatras a título de *identificação com o psicótico*. Isto constitui um ataque simultâneo a crenças seculares e a preconceitos tenazes (que um caso recente na França nos revelou também serem tenazes entre os psicanalistas) e a desmistificação do que estava nos alicerces do segredo médico. Com efeito, ao levar-se a loucura ao conhecimento do público, anulam-se os efeitos de exclusão vinculados ao poder daquele que detinha o segredo (segredo de uma tara associada a um crime). Ao levantar-se esse segredo, exorciza-se o mal¹³ e retira-se ao “louco” o valor de pecado que ele tinha por miséria encarnar.

Contudo, o problema está longe de ser simples. Devereux¹⁴ demonstrou-o; cada sociedade possui idéias imutáveis sobre a *maneira como os loucos se comportam*. Há, em cada caso, como que um tipo reconhecido de loucura. Mas se o distúrbio vier a transgredir o que a sociedade propõe ao louco, aí temos o indivíduo apontado como delinqüente. Foi essa a experiência que teve um de meus pacientes enviados a uma comunidade da Inglaterra que se poderia qualificar de antipsiquiátrica¹⁵. O

adolescente (considerado na França “perigoso para si mesmo e para os outros”) teve nesse solar inglês um acolhimento maravilhoso. Mas, no terceiro dia, estrangulou um gato. O pai foi convocado; na Inglaterra, não se estrangulam gatos. O adolescente, como perverso que era, aprendera depressa o modo de ser psicótico ou delinqüente, o qual não seria, a preço nenhum, tolerado pela sociedade que o acolhia. Foi pedido um exame neurológico, a que o pai não deu seguimento, a fim de não entrar no sistema tradicional da “assistência” psiquiátrica, sistema que teria indubitavelmente culminado, como na França, em ingresso num manicômio ou seu substituto.

De um modo geral, o não-internamento dos “doentes mentais” conduz a uma revolução das estruturas sociais locais — cuja importância talvez tenha escapado ao legislador quando propôs, como é o caso na Inglaterra, o desaparecimento nos dez anos seguintes dos hospitais psiquiátricos.

Nascido de uma prática de caráter revolucionário, o discurso antipsiquiátrico assinala, em todo caso, uma viragem radical na história da psiquiatria. A sua força de transformação corre o risco, entretanto, de se ver freada se o saber teórico se deixar superar pela linguagem enganadora (caritativa) do eu¹⁶.

Apesar das posições teóricas que, como dissemos em outra parte, são discutíveis ou errôneas¹⁷, o discurso antipsiquiátrico pode ultrapassar, em seus efeitos *práticos*, a importância da teoria psicanalítica.

O discurso analítico

Ao não se opor à instituição psiquiátrica, o discurso analítico viu-se algo limitado em sua pesquisa. Se a teoria analítica (lacaniana) permite ao terapeuta recorrer a pontos de referência mais corretos em face da psicose, uma certa posição ideológica (o mito da “pureza” analítica) pode encerrar o analista, ao nível clínico, no conforto de uma certa rotina, evitando questões que mereceriam manter-se em aberto. Assim, a reflexão teórica vê-se amputada de material clínico essencial, que Freud, por sua parte, foi procurar do lado da interrogação de crenças e superstições, tomando partido contra os cientistas de seu tempo¹⁸.

Toda iniciativa clínica exige do psicanalista a suspensão de um saber¹⁹; do mesmo modo, toda e qualquer nova pesquisa só é possível se abordarmos uma prática, ela mesma nova, em ruptura com o que acompanha e cerca a instituição²⁰.

Freud criou uma situação nova pela introdução do *divã analítico*; seria ingênuo crer que bastaria suprimir esse divã para que se reunissem as condições necessárias a uma nova revolução analítica. Aqueles que presentiam a importância de uma psicanálise que não permanecesse prisioneira do gabinete do analista viram-se obstruídos em suas pesquisas pela orientação médica de seus trabalhos — quer se tratasse de uma psicanálise sem divã ou de uma psiquiatra fora das instituições. Longe de ser delatada uma nova revolução, a experiência freudiana viu-se anulada e a “libertação” dos doentes mentais revelou-se, para todos os fins, ilusória, porque recuperada num contexto moralizador e num quadro administrativo.

Repeti-se, pois: a administração, na França, apossou-se das descobertas feitas no campo da psicanálise, da psiquiatria e da pedagogia, para reter apenas o que lhe parecia útil a um controle do “distúrbio”. O poder administrativo tornou-se a tal ponto exorbitante que toda pesquisa situada fora dos desígnios oficiais está, de certo modo, condenada ao fracasso²¹.

Somente uma experiência clínica não regulamentada pela administração pode submeter a teoria à prova da verdade. Se as estruturas administrativas são de tal ordem que se subtraí à teoria toda e qualquer possibilidade de verificação e modificação, faz-se do teórico um instrumento de poder que corre o perigo de, a exemplo da religião, se converter em dogma infalível, bloqueando as interrogações²².

2 — A brecha analítica: rumo à antipedagogia

Se a descoberta da criança constitui o grande acontecimento dos tempos modernos (provocando o aparecimento da instituição educacional), a da criança deficiente (e da instituição médico-pedagógica que a ela se consagra) constitui, como já vimos, o evento marcante da época contemporânea.

Uma pedagogia especializada (que começou com Itard) desenvolve uma prática que enfatiza a experiência, mas uma experiência que permanece sob o controle do médico, depois do psiquiatra (e da administração), a quem é reservado o saber clínico, isto é, o controle de uma verdade²³. O saber (acerca da deficiência mental e da loucura) não tardou em ser reparado entre uma multidão de técnicos e o problema da comunicação desse saber logo se impôs. Noções ditas científicas, que concorrem para alimentar a prática, são difundidas a título de técnicas que aos escalões inferiores da hierarquia não cabe questionar (no escalão superior, passam pelo esoterismo de um saber, antes de envergar as roupagens da ciência médico-psicopedagógica).

A abertura de cadáveres assinalou um momento decisivo na história da medicina, recorda-nos Foucault; a doença desligou-se então da metafísica do pecado para se materializar no indivíduo mediante uma referência ao que, dessa doença, se oferece à leitura na dissecação. Aí nasceu uma medicina que se proclama ciência do indivíduo; aí se origina também um saber que comporta a dimensão do interdito e do secreto²⁴.

Essa atitude reflete-se na medicina mental. A autopsia não se reveste aí de muito sentido e, no entanto, imagina-se alguma lesão invisível da qual a doença decorreria.

Longe de se ocupar exclusivamente do homem doente, a medicina logo estendeu o campo de seu conhecimento ao homem são para definir a imagem-modelo do homem, com vistas a uma política da saúde. Essa imagem modelar corresponde à concepção que a medicina alimenta de um corpo em boa saúde física, intelectual e moral.

Se o século XVIII foi, de certo modo, o século da dissecação, o século XIX o da ortopedia (física e mental), o século XX é o da programação da “saúde mental” e sua gestão pelo poder administrativo (através de recenseamentos, rastreamentos e diversas medidas corretivas²⁵).

A partir daí desenvolvem-se teorias filosóficas, pedagógicas e médicas, teorias que suscitam múltiplas técnicas de reeducação. Defrontamo-nos com uma *prática* (feita de bom senso popular e de tradições) e com uma *teoria* de pretensões científicas, sempre mais ou menos impregnada da ideologia da época. Está em ação um duplo saber que, apesar de ter conhecido um

destino oposto com Itard e com Freud, merece, não obstante, que nos detenhamos nele.

Itard

Em 1801, "Victor", um menino de 11 anos, encontrado quando errava, inteiramente nu, pelos bosques de Lacauze, foi confiado a Itard, especialista em oligofrenia e surdo-mudez²⁶. Pínel considerou Victor incurável; mas o prognóstico de Itard é menos sombrio. Considera Victor *normal* (sob o aspecto da natureza); segundo ele, a deficiência do rapaz é no aspecto cultural²⁷. Tudo tem que ser ensinado ao "selvagem", pensa Itard, a começar pela língua. Consideram-se necessários alguns cuidados médicos, num estado físico que cumpre reequilibrar. Pode-se vislumbrar aí a origem de uma iniciativa conjugada da medicina e da pedagogia, iniciativa que adota, com Itard, o nome de "medicina moral". Ele investe em tal empreendimento todas as suas esperanças.

É elaborado um programa de cinco pontos²⁸. Sabe-se que ele veio a inspirar educadores especializados, como Séguin, Maria Montessori e Alice Descoedres. Eles viram na obra de Itard o início de uma pedagogia experimental para uso com os inadaptados.

A experiência do selvagem de Aveyron é continuamente pungente porque, se a principal preocupação de Itard é fazer Victor entrar no universo da palavra, as suas concepções *a priori* sobre a natureza da linguagem fazem com que, na realidade, ele obstrua o caminho às possibilidades que seu aluno poderia ter. Esse erro salta aos olhos de todo psicanalista que leia a sua notável observação; mas os pedagogos não o viram e ficaram fascinados com o engenho de que ele deu provas, embora num caminho errado. O mérito de Itard está em não ter recusado a incógnita da aventura clínica; mas, nessa época, ele não podia estar livre de preconceitos: a influência da teoria condillaciana leva-o a reclamar da prática (isto é, de Victor) que ilustre as suas idéias filosóficas. Em vez de estar na escuta das solicitações de Victor, exige que ele se apague, um ato que reputa necessário ao triunfo da ciência. É justamente porque

Victor é um ser de linguagem (mesmo que não fale), que tal experiência está de antemão votada ao fracasso.

Assim, a mesma teoria que forneceu a Itard o eixo em torno do qual se ordena uma observação clínica, coloca-o, por outro lado, na impossibilidade de formular as verdadeiras questões. Sem competência teórica, Madame Guérin²⁹ tem na prática uma atitude mais sensata e menos nociva; mas não se pode esperar dela uma observação utilizável. É finalmente Victor quem, nas falhas de sua reeducação, nos fornece a verdade do que escapa à construção teórica de Itard, dominada por uma ideologia "missionária".

O que Itard não soube fazer, foi — seguindo o que será o conselho de Charcot — submeter-se à sua própria experiência de Victor *sem qualquer idéia prévia*, até que alguma coisa ganhasse sentido para ele nessa experiência. Se Victor devia ser o *professor*, só podia ser desse modo. Mas essa tarefa foi, precisamente, impedida pelas *resistências* de Itard, resistências que mascaravam o próprio saber.

Foi preciso esperar por Freud para que se pudesse compreender o ensinamento propiciado por Victor: é a clínica (O paciente) que detém a verdade de uma teoria. Freud, ao invés de Itard, não utiliza a construção teórica senão para poder orientar-se melhor na experiência clínica. O paciente, longe de ser, como frequentemente quer a tradição psiquiátrica, um modelo para ilustrar a teoria, é aquele graças a quem as questões podem ser formuladas — no disfarce do sintoma, sob a forma de enigmas a decifrar.

Em resumo: no saber da reeducação, como no da psiquiatria, subsistem, no próprio âmago da teoria, crenças que desvirtuam a prática. Itard vê o problema sem poder, entretanto, extrair um ensinamento no que lhe concerne. Julga-se protegido por uma boa teoria, quando essa nova teoria, por melhor que seja, arrasta com ela sua parcela de engodo e de mecanismos defensivos. Protegido por suas construções eruditas, Itard não viu o que era perceptível à Senhora Guérin, mais disponível para receber o inesperado. Entretanto, Victor é que constitui o suporte de um domínio da verdade de que Itard se julgava ser o único detentor; no jogo estabelecido, Itard vê-se assim manipulado pela sua própria teoria. Ao invés de utilizá-los, ele afasta os obstáculos que surgem (do mesmo modo que as "inutilidades"³⁰). Está presente um duplo saber: o da "competên-

cia" de Itard e o banal da Senhora Guérim (com quem Victor faz progressos). Esses dois saberes, separados em Itard, serão conjugados por Freud.

Freud

Na análise do "Sonho da injeção aplicada em Irma", Freud fala em linguagem ordinária; fornece desse sonho (e de outros) interpretações que se poderia, em certos momentos, qualificar de "delirantes". Mais adiante (no Capítulo VII da *Interpretação de Sonhos*), numa linguagem que pretende ser científica, Freud desenvolve — a partir das análises precedentes — um trecho teórico absolutamente essencial. E, no entanto, não seria lícito ver esse trabalho teórico como um esforço de justificação daquilo que, num primeiro tempo, foi elaborado de maneira menos formal, com a linguagem do desejo, a do inconsciente?

Ao ser apenas retida a face teórica da obra freudiana, os analistas chegam freqüentemente a esquecer que ela é feita de uma outra linguagem, alimentada na experiência. Os anos que precedem a *Interpretação de Sonhos* também são os da análise de Freud perante Fliess. Na análise que efetua desse período da formação de Freud, O. Mannoni³¹ distingue e, inclusive, opõe um ao outro dois tipos de saber: o que foi adquirido por Freud junto de seus mestres (Charcot e Breuer) e se fundou na observação clínica; e essa outra forma de saber, mais dificilmente comunicável, produzida menos pelo desejo consciente do que pelas metamorfoses do desejo inconsciente. Em consequência do encontro com Fliess, o saber de Freud sofreu uma mutação essencial: "O que Freud aprendeu com Charcot, foi identificar-se com o paciente. O que aprendeu com Breuer, foi que Breuer só sabia o que a sua paciente lhe podia ensinar. E o que irá aprender de Fliess é que o paciente aprende tudo o que é essencial da própria transferência."³²

Esses saberes se sustentam, se completam, mas também podem, em certos momentos, entrar em conflito mútuo: "Algo oriundo das profundezas abissais da minha própria neurose opôs-se a que eu avance mais na compreensão das neuroses e tu aí estavas implicado, ignoro por quê. A impossibilidade de escrever que me afeta parece ter por objetivo dificultar as nossas relações... passou-se contigo algo de análogo?"³³. Deste

modo, Freud vai descobrir a *análise* (em contraste com o método catártico).

A verdade que explode entre Freud e Fliess pontua os diferentes momentos da descoberta freudiana. O que poderá ter agido no âmago dessa relação, como abertura para o conhecimento humano (à custa de mil tormentos, de lutas e sofrimentos somáticos)? Pouco sabemos sobre isso, exceto por este comentário de Freud: "Triunfei onde o paranoico fracassa."³⁴

Freud, graças a Fliess, e através de seus pacientes, analisasse "como um outro"; o seu saber é continuamente modificado pelos efeitos da situação transferencial. Ele só o compreende posteriormente, uma vez passado o momento em que, segundo a predição de Fliess, ele deveria morrer (1907). É preciso esperar o fim da análise de *O Homem dos Ratos* para que se conjuguem os dois saberes, oriundos, um, das concepções de Charcot e de Breuer, e o outro, da experiência de transferência para Fliess.

A descoberta surge sempre no momento em que a pesquisa se desvia: Freud situa o objeto da sua pesquisa (a psicanálise) numa relação fantasmática com o desejo do Outro. É sob a forma dessa relação que algo da ordem do conhecimento lhe ocorre ao nível do inconsciente — através do voto de ser reconhecido.

Fliess é, portanto, o destinatário de um certo discurso, é o lugar a partir do qual se estabelece uma resposta; ao formular aí a sua interrogação, Freud recebe em troca os efeitos de sentido da sua própria mensagem e isso constitui a marca pela qual é levado a realizar uma obra de criação.³⁵

Freud ocupa os cinco anos que se seguiram ao rompimento com Fliess a analisar esse período de sua vida; mas já não sente mais a necessidade de se entregar. Desse *segundo movimento* em sua própria análise, tudo o que conhecemos é esta confidência a Ferenczi: "Você não só notou mas compreendeu que já não tenho agora necessidade alguma de desvendar completamente a minha personalidade, e relacionou corretamente esse fato com uma causa traumática. Depois do caso Fliess, que você me viu recentemente ocupado em superar, essa necessidade foi suprimida."³⁶

Freud irá daí em diante exprimir-se em sua obra; é nela que a sua análise vai continuar.

De tudo o que precede, a psicanálise recebeu a marca de uma forma de *bilinguismo*. Temos a língua banal em ação no discurso que se desenvolve entre o paciente e o analista, e temos a língua especializada, esse saber de competência que os analistas utilizam entre eles. Esse saber teórico na própria obra de Freud ora se apresenta como psicologia do desenvolvimento (*Três Ensaços Sobre a Sexualidade*), ora como uma psicologia da história individual (*Cinco Lições de Psicanálise*)³⁷. Foi construído um mito teórico a partir de noções de desenvolvimento, evolucionistas, psicológicas, às quais se soma um modelo científico do século XIX: o do impulso energético.

Entretanto, quando Freud descreve na língua banal a sua experiência com os pacientes, não há qualquer vestígio de uma crença no desenvolvimento. Assiste-se, ao correr da análise, com que arte o paciente é sustentado em sua interrogação, e como entre o analista e ele é deixado um lugar para o surgimento de uma verdade — verdade que não pertence nem ao paciente nem ao analista mas surge *entre* eles, numa situação dramática em que o paciente deve situar-se como Eu.

Cada época tem suas crenças, que lhe servem para justificar o que, de uma realidade desagradável ou chocante, deve permanecer ao abrigo de todo e qualquer questionamento. Em sua elaboração teórica, a psicanálise não está protegida desse perigo; por momentos, é tentada a oferecer uma resposta metapsicológica (como nos recorda Foucault)³⁸, quando se esperava que deixasse serem formuladas as verdadeiras interrogações.

Apesar da influência da ideologia médica de sua época, Freud sabe estar à escuta de uma experiência e ouvir o dizer do paciente, a partir do que dele participa nesse dizer, porquanto se abstém de ocupar na relação assistente/assistido qualquer posição de autoridade. O paciente não constitui para ele (como era o caso de Itard) a tela em que se projeta um saber teórico. Isto é uma diferença essencial.

O saber de Freud, mas também, numa certa medida, o de Madame Guérin, manifesta-se como efeito do ensino³⁹, quer dizer, como efeito de uma iniciativa em que, *de uma certa forma, é o paciente que se encontra no posto de ensinante*.

Madame Guérin não sabe que é Victor quem lhe dita a mensagem que ela lhe dirige. Freud, num primeiro tempo, ignora inteiramente de que forma se encontra implicado com seu paciente numa experiência que o levará a provocar o surgimento

de um *saber* no lugar da verdade (do sintoma) — e a fazê-lo surgir de modo a revelar ao paciente que “então era isso” aquilo em que ele se perdera.

No total, a psicanálise constituiu-se a partir da experiência de Freud com o seu próprio mundo “delirante” e com o seu envolvimento no “delírio” do paciente; daí é que saíram a *interpretação* — isto é, o modo como o analista intervém na linguagem banal, a fim de reformular uma interrogação — e a *construção teórica*, a qual serve de mito oferecido como ponto de referência ao que se passa no presente (não se trata, a partir daí, de reconstruir um passado mas, outrossim, de lhe conservar uma origem mítica). A iniciativa de Freud é ambígua mas permanece continuamente sobre duas vertentes que confluem na verdade revelada e controlada pela experiência clínica.

A iniciativa de Itard, pelo contrário, adere ao que Lacan designou como o *discurso da Universidade*. Um saber constitui-se a partir da censura exercida sobre as marcas do inconsciente, ao passo que o discurso do analista procede ao levantamento da censura. O discurso de um mascara o fracasso, o discurso do outro circunscribe o impossível (o real) — e desvenda a falta que o discurso universitário tinha por missão obliterar⁴⁰.

Porque sua finalidade era aplicar a Victor um saber “teórico”, Itard fracassa na medida em que adquire verdade aquilo que se produz como efeito numa iniciativa analítica (em que a análise tem que suspender um saber na prática para poder, no tempo da elaboração teórica, fazer com que a verdade se formalize na ciência).

O paradoxo do saber teórico reside no modo como ele é usado, como disfarce para obliterar a verdade de uma experiência ou como instrumento para se orientar mais comodamente numa pesquisa clínica (na qual se encontra ele mesmo implicado).

Notas

1. Michel Foucault, *Maladie Mentale et Psychologie* (Título da tradução brasileira: *Doença Mental e Psicologia*, op. cit.)

2. Pode-se ver em Richard Hunter e Ida Macalpine, *Three Hundred Years of Psychiatry, 1535-1860*, Oxford University Press, Nova Iorque, como as práticas empíricas se conservaram, ao passo que as teorias se modificavam. Freud reencontrou algumas dessas mesmas práticas no começo de sua carreira: cf. *Scilicet* 2/3.
3. Cf. O. Mannoni, *Freud*, coleção "Écrivains de Toujours", Éd. du Seuil.
4. A influência do estruturalismo levou certos analistas, assim como alguns etnólogos, a fazerem da estrutura um princípio, quando era apenas um instrumento. O que não cabia na penneira estrutural era eliminado. Uma concepção dogmática bloqueou assim a pesquisa (notadamente no domínio das psicoses), impedindo as perguntas.
5. Cf. *Le Psychiâtre, son "Fou" et la Psychanalyse*. (Título da tradução brasileira: *O Psiquiatra, seu "Louco" e a Psicanalyse, op. cit.*)
6. Th. Szasz, *Ideology and Insanity*, Anchor Books, 1970.
7. Ivan Illich, *L'Urgence d'une révolution culturelle*, em *Idoc*, nº 40, Éd. du Seuil.
8. Assim, sobre o uso que se faz dos testes: procura-se aperfeiçoar o sistema das instituições, acentuando uma espécie de divisão do trabalho (hipersegregadora) entre psicóticos, débeis mentais, desviantes etc., mediante a qual toda uma parcela importante da juventude é colocada em "liberdade vigiada", à margem da vida ativa.
9. "Information Psychiatrique", Lyon, novembro de 1971. A exemplo da religião, a instituição torna-se um ideal. Em psiquiatria, estão assim justificadas as técnicas de sedação que vão desde a insulina até aos envoltórios úmidos, passando naturalmente pela narcose e a sismoterapia, enquanto que, a um outro nível, se organiza o "coletivo institucional". Os pais, tranquilizados, podem então adquirir, segundo nos dizem, a convicção de que seu filho é bem tratado (destruído, diria Cooper).
10. Michel Foucault, *Maladie Mentale et Psychologie*: "De fato, quando o homem permanece estranho ao que se passa na sua linguagem, quando não pode reconhecer significação humana e viva nas produções de sua atividade, quando as determinações econômicas e sociais o deprimem, sem que possa encontrar sua pátria neste mundo,

então ele vive numa cultura que torna possível uma forma patológica como a esquizofrenia; estranho num mundo real, é enviado a um mundo 'privado', que objetividade nenhuma pode mais garantir, submetido, entretanto, ao constrangimento deste mundo real, ele experimenta esse universo para o qual foge, como um destino. O mundo contemporâneo torna possível a esquizofrenia, não porque seus acontecimentos o tornam inumano e abstrato, mas porque a nossa cultura faz do mundo uma leitura tal que o próprio homem não pode continuar a reconhecer-se aí. Somente o conflito real das condições de existência pode servir de modelo estrutural aos paradoxos do mundo esquizofrênico" (pp. 95-96 da trad. brasileira).

11. Mary Barnes e Joseph Berke, *Un voyage à travers la folie*, Éd. du Seuil, 1973. Traduzido no Brasil com o título *Viajem através da loucura*, Livraria Francisco Alves Editora S.A., Rio de Janeiro, 1977.

— Em "Folie pour Folie", *Parisians*, n.os 62-63, encontramos igualmente uma contribuição capital de antigos "doentes mentais". Alguma coisa mudará na psiquiatria se os "doentes" começarem a depor sobre o que foi o internamento deles.

— Uma analista argentina representou, sob uma forma literária e poética, o delírio por que tinha passado no momento de sua formatura; Diana Machiavello, "La Cage-terrasse" em *Les Temps Modernes*, fevereiro de 1973. Há muitos outros exemplos.

12. G. Devereux, *Ethnopsychiatrie Générale*, Éd. Gallimard, 1970, p. 63.
13. Desenvolvido por O. Mannoni, *Análisi Originaria*, Ed. Armand (Roma).
14. G. Devereux, *Essai d'ethnopsychiatrie*.
15. Finchden Manor, Tenderden, Kent, Mr. Lyward.
16. Laing deixou-se influenciar um pouco por uma estada na Índia, onde descobriu a não-violência e os valores da sabedoria oriental. Isso aproximou-o um pouco e importunamente das posições da psicologia do ego americana e até do junguianismo.
17. *Le Psychiâtre, son "Fou" et la Psychanalyse*.
18. Desenvolvido por O. Mannoni, *Freud*.

19. E esse o preço pelo qual "a verdade chega a formalizar-se na ciência", (Lacan) *Scilicet* 2/3.

20. Pode-se lamentar que certos psicanalistas franceses, empenhados numa prática revolucionária, continuam sendo, por outro lado, tão "conservadores" em sua prática psiquiátrica. A psicanálise é reduzida à categoria de uma técnica auxiliar, coexistindo alegremente com a psicofarmacologia, a insulina etc., sem que jamais sejam contestadas as coerções econômicas que ditam uma tal escolha terapêutica, escolha que se racionaliza em seguida numa linguagem "psi". O discurso político nesses casos justapõe-se ao psicanalítico, sem que a teoria seja alguma vez reinterrogada pela prática. A tese de Simone Benhaim sobre a "economia da psiquiatria" deveria apresentar pela primeira vez uma análise científica do atual impasse da psiquiatria.

21. Se, em Bonneuil, logramos interessar a *Inspection d'Académie* em nossos trabalhos, recebendo assim autorização para colocar certas crianças, desde os 14 anos de idade, na vida ativa (em tempo parcial), tivemos de renunciar rapidamente a esse apoio oficial, a partir do instante em que a Previdência Social se recusou, por sua parte, a inscrever as crianças no seguro-doença e no seguro de acidentes, como a legislação do trabalho exige. Ao recusar essa inscrição das crianças, a Previdência Social colocava os empregadores em risco de serem perseguidos pela fiscalização do trabalho. Tivemos assim a experiência amarga de um inspetor da Academia sem poder enfrentar a inércia da administração pública. Por seu estatuto de *école expérimental*, Bonneuil encontra-se na dependência de quatro ministérios. Também nos foi dito: suas solicitações jamais terão êxito, o que permite ao inspetor fazer-lhes todas as promessas do mundo (reencontra-se aqui o mecanismo da "dupla vinculação" [*double bind*] característico das famílias de psicóticos; a *administração é uma mãe de psicótico*).
Fomos obrigados a desenvolver toda uma ação paralela (colocações por intermédio de amigos etc.) para evitar a morte a que a administração nos votara a partir do instante em que havíamos recusado todo rótulo de super-especialidade, o que nos teria condenado, de fato, a uma segregação acentuada.

Temos a convicção profunda de abrir, a partir de uma *praxis*, todo um novo campo à pesquisa (de o abrir a partir de uma possibilidade de "estouro" das estruturas institucionais, a partir do direito conferido à criança de participar na vida ativa dos adultos e de escapar à medicalização de suas dificuldades. O que é operar não é a *virtude do trabalho* mas a descoberta do "companheirismo", apoio e suporte de um *desejo* de saber. Outros têm necessidade de fugir a toda presença humana, refugiando-se na monotania).

Também estamos conscientes dos limites de nossa experiência, uma vez que temos como interlocutores não homens (a quem poderíamos convencer) mas uma administração poderosa, enorme, invisível e, numa palavra, irrepresentável. Foi aí que tomamos consciência do caráter concentracionário e esquizofrenizante dessa máquina anônima, que nos governa na arbitrariedade e na contradição.

Se o campo clínico não pode ser ampliado, mesmo que a título experimental, é toda a pesquisa teórica respeitante à "doença mental" que se encontra bloqueada. A questão da "periculosidade" do louco só pode ser compreendida se o arrancarmos às estruturas administrativas que "contêm" o perigo, medicalizando aquele que é o seu representante.

22. O "perigo" representado por lugares como Bonneuil não residirá na abertura de questões que aí se opera, justamente aquelas questões que, até o presente, a administração teve o poder de fechar?

23. Michel Foucault, *Naissance de la clinique*, PUF, 1963.

24. Ch. Dairenberg, *Histoire des Sciences Médicales*, Paris, 1870 (citado por Foucault).

25. J.-L. Lang, *Rééducation en externat*, Ed. ESF, 1971. "Parece-nos necessário diferenciar de acordo com suas idades real e mental, seu nível de aspiração e de interesse, os diversos grupos de crianças. A separação entre deficientes leves e semi-educáveis em secções distintas parece-nos aqui justificada: os objetivos distantes, as medidas, os ritmos de progresso, não são os mesmos para as crianças destinadas *a priori* a retornar ao mundo normal do trabalho e para aquelas que terão sempre maior ou menor necessidade de

- uma assistência ou de uma tutela, seja em relação às suas condições de trabalho, ou às suas condições de vida, ou às duas coisas. (...) O argumento anti-segregação pode ser combatido em vários níveis: presença de várias seções num mesmo centro, reagrupamento das crianças em certas ocasiões (festas) para certas atividades (recreação, clubes, oficinas, refeições), o que tem o mérito de 'soldar' melhor a equipe educativa."
26. Lucien Malsou, *Les enfants sauvages, mythe et réalité*, seguido de *Victor de l'Aveyron*, por Jean Itard, col. "10/18".
27. O. Mannoni, *Itard et son Sauvage*, em *Clefs pour l'imagination*.
28. "(1) Vinculá-lo à vida social, tornando-a mais branda do que a que levava então...
 (2) Despertar a sensibilidade nervosa pelos estimulantes mais enérgicos e, algumas vezes, pelas vivas afeições da alma.
 (3) Ampliar a esfera de suas idéias, proporcionando-lhe necessidades normais e multiplicando suas relações com os seres que o cercam.
 (4) Levá-lo ao uso da palavra, determinando nele o exercício da imitação pela lei imperiosa da necessidade.
 (5) Exercer durante algum tempo sobre os objetos de suas necessidades físicas as operações mais simples do espírito, determinando-se em seguida a sua aplicação sobre os objetos de instrução."
29. É o nome da "governanta" que se deu a Victor.
30. Itard designava por "infantildades" tudo o que se passava entre Victor e a Senhora Guérin. Opunha-lhes a "sertedade" da reeducação. Parece que, do lado das infantildades, desenvolvia-se uma parte essencial, na medida em que foi no mundo lúdico que se viu o nascimento de Victor para a existência de outrem.
31. O. Mannoni, *L'Analyse Originelle*, em *Clefs pour l'imagination*.
32. O. Mannoni, *ibid.*
33. S. Freud, *La Naissance de la Psychanalyse* (lettre 66), PUF.
34. E. Jones, *Freud, Life and Work*, Hogarth Press, Londres, 1953-57.

35. *Le Psychiatre, son "Fou" et la Psychanalyse*
36. E. Jones, *op. cit.*
37. Michel Foucault, *Maladie Mentale et Psychologie*.
38. Lacan assimila de bom grado a sua teoria a um mito. Mas de um ponto de vista psicanalítico, trata-se de pontos de referência que nos interrogam. Os discípulos de Lacan tendem, por vezes, a sujeitar esses pontos de referência a uma redução ideológica ou médica. O que deveria permanecer aberto cede a uma tentação metafísica. O que deveria ser dado como momento de um processo, imobiliza-se em absoluto.
39. J. Lacan, *Scilicet* 2/3, p. 396: "É uma meia-volta construída pelo discurso do analista, ou seja, do discurso que ocupa o seu lugar de ser de uma distribuição oposta à do discurso do mestre, primário, que o saber chega no lugar que designamos da verdade."
 A psicanálise, longe de subverter o saber médico serviu de reforço à hierarquia médica. Não é raro ver analistas a trabalhar docilmente nas instituições mais repressivas e exaltarem depois a revolução em grupos intelectuais fechados. Esse corte entre teoria e prática é responsável pela estagnação de uma pesquisa.

Uma ação à margem do estabelecido

Se as pesquisas teóricas não devem ser desligadas de uma reflexão sobre o envolvimento do médico na verdadeira situação clínica, esta, por sua vez, deve ser situada em relação às estruturas que a administração impõe e que são comprovadamente patológicas em seu efeito.

Interrogar uma experiência conduzida com adolescentes à *margem das instituições* pode ser, talvez, no que se refere à pedagogia, uma reflexão paralela à que a antipsiquiatria autoriza em seu próprio campo.

A evasão

Procuramos oferecer a certos adolescentes, rejeitados pela instituição escolar e familiar, uma possibilidade de escapar a um mundo que eles sentem ser hostil, facilitando-lhes o acesso a lugares de acolhida — em casa de camponeses¹, em casa de Deligny² ou num apartamento de Bonneuil (anexo à escola).

O lugar de refúgio desses adolescentes foi, por vezes, num primeiro tempo, transformado por eles numa fortaleza defendida contra o mundo exterior.

Um de nossos adolescentes assim se manteve durante cerca de um mês entrincheirado em seu quarto, à espera do alimento que era depositado diante de sua porta a certas horas do dia. Chegou mesmo ao ponto de destruir o seu rádio, a fim de se proteger contra a intrusão de uma voz estranha. Estava fora de questão ele prover às suas próprias necessidades, saindo para fazer compras no comércio local, tanto se sabia em perigo de ser sobrepujado pelos riscos de uma passagem ao ato: "Assim que saio, vejo tudo vermelho." O adolescente organizara um mundo asilar à sua medida. O seu tempo era o de uma refeição (ele aquecia o alimento num forninho elétrico) e de um sono (recontrado a partir do momento em que lhe foram suprimidas todas as drogas "terapêuticas"). Depois, chegou o tempo do tédio; a descoberta do tédio permitiu-lhe formular o desejo de sair do gueto que se construía. Sentiu fome, não de alimento mas de contato humano. A partir daí, operou-se, de maneira progressiva, o retorno a um universo social (não sem que o seu trajeio fosse entrecortado de rupturas, com períodos de regressão maciça, e de fugas, isto é, de provar o adulto em que ele procurava colocar a sua confiança³).

As estruturas administrativas não oferecem, infelizmente, possibilidades de isolamento, a não ser no asilo ou na prisão. As estruturas de acolhida não se concebem fora do quadro de uma vida em comum. Mas essa vida em comum nada possui hoje da riqueza das comunidades de outrora (na acepção de Max Weber). As "comunidades" de hoje são agrupamentos artificiais de pessoas que vivem entre elas, cortadas de toda e qualquer participação na vida de sua comunidade ou de seu setor geográfico. A administração devolve os indivíduos, de fato, a uma solidão que subsiste mesmo quando os "agrupam".

O isolamento que Bonneau oferece aos jovens que o pedem nada tem a ver com o abandono moral em que os mergulha o anonimato de uma administração fundada na segregação.

Dito isto, a nossa "comunidade" conserva um caráter artificial na medida em que os jovens se sentem excluídos da vida ativa de sua comunidade e separados das possibilidades genuínas de encontros com os jovens das vizinhanças (a nossa civilização "desnaturada" as relações humanas e estabelece estruturas artificiais de relacionamento. Os centros culturais e as casas de jovens, bem organizadas demais, convertem-se assim em locais

de não-encontro). O parcelamento imposto pela setorialização reduziu ainda mais as possibilidades de permutas (diversos lugares de província "setorizados" recentemente viram-se obrigados a suspender o trabalho empreendido conosco). Ora, os jovens sentem como necessidade a possibilidade de existir *alhores* um local para onde eventualmente possam evadir-se. Desde que um lugar geográfico estabeleça uma vedação, está gerando um potencial de violência⁴.

Entenda-se bem do que se trata.

Nas comunidades de outrora, as crianças eram submetidas desde a mais tenra idade a uma dispersão muito grande dos vínculos libidiniais⁵, o que evitava que as formações conflitantes permanecessem prisioneiras da relação pais-filhos. Discutir com um dos pais (mãe ou pai) não implicava para o indivíduo qualquer risco de ser abandonado pela classe das mães ou dos pais. O filho participava desde cedo das atividades dos adultos e — ao contrário do homem moderno — não se sentia absolutamente desorientado quando abandonava o seu território (se trocava, como recorda Devereux, um meio por um outro meio menos familiar, este nunca era uma incógnita radical; cada indivíduo tinha claramente consciência da organização do seu meio sócio-cultural).

Em nosso tipo de sociedade, a criança vê-se desde a mais tenra idade à mercê dos caprichos da autoridade parental. Está exposta a todas as chantagens, ao abandono (à retirada de amor). Longe de ser facilitada, a evasão do meio familiar ou social é punida pela lei, fazendo do filho a vítima de uma dupla repressão (social e familiar). Só encontra um meio de escapar a uma situação de *stress* (que lhe transmite a imagem de um mundo que se apresenta a seus olhos simultaneamente perigoso e interdito): é a escolha de uma resposta "louca" ou de uma conduta "delinqüente"⁷.

A aprendizagem. Trabalho e sociedade

O fato é que no dia em que a administração nos colocou em situação de não podermos continuar a enviar crianças a trabalhar fora, em casa do artesão (trabalho que tinha o atrativo do jogo "proibido"), a comunidade teve que lutar contra

o empobrecimento na qualidade das permutas, empobrecimento equivalente a uma *morie* (as crianças estavam colocadas pela administração em situação de se "descompensarem" de novo).

Somente o direito à revolta podia ajudar esses adolescentes, entregues a uma vida sem interesse pela situação administrativa. Mas se não for sustentado por uma ação coerente no exterior, o direito à revolta logo se verá "recuperado" e extinto pela rotina institucional. De modo que essas crianças foram enviadas durante um certo tempo para casa de artesãos na província; aí, numa posição de recuo estratégico, elas puderam reencontrar uma certa alegria (e o amor-próprio valorizado pela participação numa tarefa genuína).

O que é que está envolvido nesse envio das crianças ao artesanato?

"Não será ceder a alguma miragem romântica, o querer idealizar os mestres-artesãos?" perguntava Koyrés em 1948. Não foi a oposição do artesanato (assimilado a um artista) ao operário que reteve a nossa atenção mas a aprendizagem como relação com uma pessoa, um mestre, sobre o qual se torna possível uma forma de transferência (em contraste com a formação escolar anônima, em que o adolescente não tem a sensação de haver ingressado no mundo do trabalho mas a de prolongar a sua situação de escolar até ao momento em que será apanhado pela fábrica). Essa relação de aprendizagem difere radicalmente de tudo o que foi elaborado sob a designação de "ergoterapia". No decurso da ergoterapia, o sujeito, como o operário na fábrica, encontra-se separado do produto de seu trabalho. Por assim dizer, esse produto é mesmo nulo e o valor social do trabalho é ainda mais frustrador do que no trabalho fabril.

Através da forma de trabalho que instauramos no mundo exterior, o adolescente define o seu "êxito" (ou o prazer obtido) em relação a um adulto que ele investiu de sua estima. Esse problema da transferência do domínio da aprendizagem ainda não foi muito aprofundado (sabe-se que, no sistema escolar, o ensino funciona como drama). Estudou-se a relação do homem com o mundo dos objetos esquecendo tudo o que se degradou na relação dos homens entre eles: algo foi atingido ao nível da alegria de viver, o prazer de trabalhar tornou-se privilégio de um número cada vez mais reduzido de indivíduos.

A partir daí, cumpre assinalar que Freud admitiu sempre a fatalidade de um destino que condena a maioria dos homens a "só trabalhar sob a imposição da necessidade". Ele associou esse destino a uma fatalidade biológica e viu nele a origem de numerosos conflitos sociais. Os dons" (a alegria que se extrai do trabalho), diz-nos ele, estão pouco propagados; há tão-só alguns raros eleitos, a sublimação (êxito) é o apanágio de apenas alguns, a massa está condenada a sofrer (sem que se possa fazer coisa alguma) uma forma de coerção ou de repressão. No desenvolvimento dado à sua investigação, Freud está, portanto, em mais de um ponto, de acordo com a ideologia burguesa e científica de sua época.

Desde então, passou a acentuar-se o fato de a crença nos dons não assentar sobre qualquer critério científico válido. Existem múltiplos experimentos para demonstrar que a pretensa "debilidade mental" é, com frequência, o resultado de uma desigualdade cultural e sócio-econômica que começa desde o berço. Seria exagerado, entretanto, afirmar que tudo acontece antes dos três anos; pois subsequentemente, em nosso sistema escolar, os professores apenas se interessam, na maioria das vezes, pelos mais dotados, pelas crianças mais mimadas no plano da linguagem e cujo comportamento é o mais "ajustado" às exigências de um certo meio.

A crença de Freud na existência de uma elite é reforçada, por outro lado, pela sua atitude eminentemente conservadora a respeito das mulheres. Não põe em dúvida, absolutamente, a idéia, própria de seu tempo, de que a obra civilizadora deve continuar sendo assunto privativo dos homens. E acha, pelo contrário, que a mulher (assim como o proletário) não pode ter verdadeiramente acesso à sublimação; a mulher estaria, segundo ele, condenada desde nascença a levar uma "vida em segundo plano"; isto faz parte integrante do seu destino biológico.

Uma forma de educação patriarcal condena a mulher (mas também o proletário e o negro) a permanecer submissa e respetadora da autoridade; condiciona-a a opor-se a todo espírito de risco; mantida em estado de "imaturidade", só poderá, portanto, frear em seus próprios filhos qualquer veiedade de independência, fazendo-se desse modo cúmplice de uma ordem repressiva. Quanto mais fraca for a classe sócio-econômica a que a mãe pertence, mais se empenhará em preparar seus filhos

para uma vida de submissão; para conservá-los vivos, a mãe faz deles, involuntariamente, prisioneiros¹⁰.

Freud vê na mulher aquela que tenta contrariar a obra civilizadora do homem. Também para Claude Lévi-Strauss¹¹ a mulher encarna a desordem e constitui uma ameaça para o homem (e o universo). Esses seres desgarrados (as mulheres) têm mais necessidade, diz-nos ele, do que os outros (os homens) de educação (isto é, de repressão).

Se, na época contemporânea, as mulheres se emanciparam de toda tutela "educativa", devem-no à liberalização da sexualidade na sociedade. Ora, se Freud considera que a vida sexual do ser civilizado é gravemente lesada, ele aceita, entretanto, a interdição social que pesa sobre todas as manifestações sexuais infantis; interdição essa que, no seu entender, é uma decorrência das "imitações necessárias" impostas pela civilização. A repressão sexual torna-se destarte o fiador mais seguro de uma submissão intelectual e moral, até mesmo de um comportamento apolítico (O apolitismo e a assexualidade que ainda hoje se procura exigir dos nossos escolares adolescentes).

Tal como o discurso antipsiquiátrico, os trabalhos de Reich têm valor de sintoma. Eles desvendam o que na repressão social (e na violência educacional) tem por efeito a alienação. De um modo paradoxal, a recusa social da sexualidade acompanha a recusa, na sociedade, de oferta aos jovens de reais possibilidades de sublimação, substituída pela coerção (numa situação em que o desejo se encontra aniquilado).

Assim é que vamos encontrar (em casos extremos mas que têm o valor de exemplo) adolescentes em estado de recusa escolar, que aos 16 anos vivem apenas para o instante do dia em que o alimento vem acalmar-lhes a fome. Eles não deixam de saber que é de uma outra fome que se trata e, por isso mesmo, a sua verdade explode no sintoma.

Tendo partido do envio de crianças para lugares de artesanato, eis-nos chegados à localização do que constitui "o mal-estar da civilização" em toda a sua extensão.

Os lugares de vida em seu meio ambiente

A existência de lugares que se poderia qualificar como *lugares de vida* (em contraste com os lugares de "tratamento")

oferece aos adolescentes uma possibilidade de se furtarem a um mundo que eles passaram a detestar. O que eles procuram é o rompimento com um estilo de vida (com as instituições familiares, escolares etc.). A partir daí, o indivíduo chega a compreender de novo por que falou, pode aceitar o relacionamento com um adulto por ele escolhido e investir sua confiança nele. A relação mestre-discípulo que se instaura não tem preço: o que se encontra compartilhado vai muito além de uma disciplina intelectual ou escolar — é a amizade que o adolescente, por vezes, descobre pela primeira vez em sua vida. Os efeitos desse relacionamento são benéficos, na medida em que o adulto logrou manter-se num determinado lugar, remetendo a criança a um outro objeto de desejo que não a sua própria pessoa. No tipo de relação que se estabelece, a criança encontra-se sempre em perigo de vir preencher a vida afetiva do adulto. Por isso é tão importante que este último tenha uma vida pessoal bem sucedida, caso contrário arrisca-se a provocar uma situação tão nociva em seus efeitos quanto o foi a própria "engrenagem familiar" da criança. O que ocorre na relação mestre-discípulo é, no plano transferencial, da ordem da aventura analítica: o que se ata tem por destino desatar-se, ser abandonado, até mesmo expellido.

Mas um lugar de vida é um lugar que se deixa (porque permite outras mudanças de ambiente). Por isso é importante que não se estruture segundo o modo da família nuclear¹² mas que lute contra os interesses e o combate do mundo exterior. Desde os doze, catorze anos de idade, as crianças são capazes de participar de maneira responsável da vida em sua comunidade (trabalho em tempo parcial na oficina do artesanato etc.). Ivan Illich demonstrou a que ponto as crianças dessa idade formulam melhor que os conselheiros municipais as questões certas; mas a burocracia sente-se embaraçada e ameaçada por tais questões. Com efeito, a hierarquização administrativa (na organização da comunidade*), a compartimentação estanque dos serviços públicos, impossibilitam toda tentativa real de participação. A criança (assim como os adultos) vê-se, na realidade, excluída de um mundo que a afeta e lhe diz respeito. O que em nossa

* A comuna é uma divisão territorial na França, administrada por um prefeito assistido pelo conselho municipal. (N. do T.)

experiência se tornou viável foi a relação estabelecida pelas crianças com os empregados de Famprix ou os comerciantes das redondezas. Não se pode falar, entretanto, de uma autêntica reciprocidade. As crianças ignoram os adultos mas estabelecem com os objetos de consumo uma relação viva. As compras são feitas com uma consciência verdadeiramente profissional. O manuseio do dinheiro, o problema dos preços, constituem coisas importantes para alguns. Fiquei impressionada com a gentileza e a tolerância dos empregados e comerciantes em seu trato com as crianças¹³. Mas, cruzada a porta de saída da loja, a criança reencontra as ruas vazias dos subúrbios, um anonimato envolve os indivíduos em sua monocromia indifferenciada.

Tivemos dificuldades com certos residentes dos bairros populares vizinhos. Pierre introduzia-se nos porões, aguardando a chegada da zeladora para "agredir-la". Foi necessário fazer desistir moradores nossos aliados, pedir-lhes que não recorressem à intervenção policial e solicitar à própria polícia que nos deixasse agir a nosso modo.

Importante num dado momento, a nossa ação nem por isso deixou vestígios "educativos"; uma vez passado o período de perturbação, cada um retornou à sua solidão, a postos para se fazer de novo o denunciador intransigente de uma "desordem" de que ele reclamará a exclusão.

Animadores culturais, apontados pela população como "esquerdistas", vieram visitar-nos regularmente durante um certo tempo. Tinham estabelecido seu quartel-general nos porões de um bairro popular próximo; a sua finalidade era levar os jovens desocupados (saídos da prisão, desempregados, vadios, psicopatas) a organizarem alguma coisa por si mesmos, e um armazém abandonado fora posto à disposição deles. Mas os jovens esperavam que os adultos lhes fornecessem lazeres para consumo, não tinham idéia alguma nem qualquer opinião política. Eram contra o trabalho, a vida no subúrbio, as cidades-dormitórios. Nada era possível, segundo eles, nem mesmo sonhar. Os animadores deixaram-se vencer pelo peso da inércia, da indiferença e da resignação gerais, e abandonaram a partida ao fim de um ano¹⁴.

Contudo, esse sinistro lugar de encontro é que, num dado momento, foi investido por algumas das crianças mais velhas. Paul sentiu-se em pé de igualdade com os marginais desocupa-

dos. Jacques arvorava uma atitude de desprezo e uma superioridade de classe (com efeito, os jovens tratavam-no com respeito, embora sentindo-se nitidamente superiores a esse burguês intelectual em visita). A Irène agradava muito estar nesse grupo; não sabemos ao certo se ela se deslocava por causa dos rapazes do bairro ou dos animadores, com quem ela gostava de falar. Não havia verdadeiras permutas de interesses; era um reapresentamento de solidões. Mas a partida desses animadores reestabeleceu para nós a perda da única vinculação verdadeira estabelecida com os habitantes da comuna.

O Centro Cultural de Mont-Mesly (frequentado durante certo tempo mais pelos adultos da terceira idade do que pelos jovens) teve, pelo contrário, muita dificuldade em fazer-se aceitar pelas crianças. Não era um lugar de encontro mas um lugar organizado de lazeres, excessivamente bem cuidado para o gosto de alguns. Os adolescentes "problemáticos" excluíam-se, como se a ordem fizesse parte de um mundo que não era feito para eles.

De fato, o adolescente protegia-se desse mundo exterior¹⁵ e foi preciso deixar passar tempo para que os adultos compreendessem que, justamente, era ele e não a vida na instituição que deveria ser privilegiado como pólo de interesse e de contestação.

Ainda que ela pretenda ser antiinstituição, uma instituição corre sempre o risco (nunca será demais repetir) de reproduzir o modelo da família nuclear burguesa, fechando-se de maneira mesquinha em seus pequenos problemas, seus pequenos infortúnios, seus pequenos interesses. Não só essa engrenagem não permite viver como é ainda portadora de morte: intimado a imobilizar-se, o desejo não pode abrir-se para qualquer realização concreta.

Condicionada em sua família a permanecer ao abrigo do risco, a criança reproduz alhures esse mesmo comportamento. Assim, Pauline põe-se a caminho para a casa de jovens, depois, indecisa, pára a meio do caminho: parece-lhe que, com esse corpo, não poderá entrar na casa dos "normais". Ela reproduz essa cena em sua casa, tomando os pais por testemunhas de sua impotência e da exclusão em que ela se perde. Por instantes, Pauline oferece-se como detrito de um território social: é ela quem cria o seu próprio isolamento.

Os adultos de Bonneuil participam todos desse gênero de isolamento, na medida em que não se ligaram a nenhuma atividade da comuna. Formam uma ilha privilegiada, aberta para um mundo exterior ampliado (estagiários provenientes da França e do estrangeiro), mas divorciada das preocupações próprias da academia de Val-de-Marne, da prefeitura etc. A articulação de Bonneuil com a vida da comuna continua sendo uma tarefa que não foi possível levar a bom termo¹⁶. (Conhecemos em certos momentos um verdadeiro abandono por parte das autoridades administrativas, que se manifestavam tão-só para impedir o nosso funcionamento.)

A interdição administrativa a respeito do trabalho dos mais velhos no exterior teve, como já vimos, efeitos persecutórios ao nível das crianças e dos adultos; um outro efeito foi abolir a noção de oposição “mundo interior/mundo exterior”, para deixar em seu lugar uma única cena, atravessada pela repetição, efeito do impulso de morte, paralisando toda iniciativa. Assim, Bonneuil apresentava-se como o pequeno teatro onde se reconhecia o jogo da sociedade.

O discurso da administração encontrava eco na instituição, em oposição a um outro discurso, este de contestação, que se desenrolava também no exterior (com o apoio do público e da imprensa, e que tinha também sua incidência própria no interior). Duas concepções antagônicas do mundo foram bruscamente representadas na instituição¹⁷, descobrindo posições ideológicas divergentes. O discurso de referência (e os conselhos de adaptação) à realidade fizeram-se ouvir (em oposição às posições denunciadas como utópicas). A abolição de todas as diferenças entre o subjetivo e o objetivo, próprias de todos os discursos de adequação, só deixava margem para um enunciado sem pontuação, cortado de toda dialética. Não é indifferente, por certo, que o poder administrativo (ou educacional) se empenhe sempre em substituir, por diversos meios, a verdade que se lê na insistência repetitiva do sintoma por aquilo a que chama “realidade”; condena-se, simultaneamente, a não ouvir esse outro discurso designado por Marcuse sob o termo de “dimensão de ultrapassagem”¹⁸.

Num universo unidimensional, o homem está condicionado para orientar-se no sentido de um consumo passivo de objetos (quer se trate de objetos reais, objetos de lazer ou objetos de conhecimento) e acaba por alhear-se do que em sua vida deveria

preocupá-lo. Em seu anseio de uniformização, a administração educacional apenas retém de um discurso a sua relação de adequação (“esta manhã tomei café, esta tarde consegui despir-me sozinho”), deixando escapar o que, por outro lado, procura fazer-se reconhecer numa relação com a verdade do desejo. No campo da linguagem estabelecida só é possível uma palavra que se relacione com o desempenho ou a competência, estando proscriita a dimensão da fantasia, assim como se encontra abolida toda e qualquer referência a terceiros (projetos, política etc.).

Existe, porém, um outro discurso que insiste e que resiste ao discurso dominante; entra em conflito com a administração docente, toda ela orientada para uma divisão técnica do trabalho, ao serviço da organização social vigente¹⁹.

A participação das crianças num trabalho externo faz parte integrante do discurso delas contra uma sociedade que as relega para uma zona à parte — a da infância desajustada. Situado numa etapa em que lhes parece marginal e interdito, o trabalho com o artesanato tem todos os atrativos do prazer proibido. O desejo só pode existir a partir de uma negação; a reivindicação de liberdade encontra motivos para se realizar num trabalho à margem dos hábitos escolares de uma sociedade-trabalho que suscita invejas ou ciúmes na fratria ou nos amigos (o dinheiro ganha serve para projetos, onde o prazer auferido no trabalho compensa a modicidade do dinheiro efetivamente ganho).

A presença de outros operários, entretanto, fará surgir nos adolescentes a consciência do que denunciarão como coerção e que nada mais é senão a disciplina inerente à própria natureza do trabalho empreendido: a mecânica, como a cozinha, em suas leis próprias. O trabalho à margem desliga-se, nesse momento, da pura dimensão da *necessidade* de prazer; surgem uma tensão de desejo e uma ambivalência. Mas, para se ter acesso ao desejo (e estar em condições de sustentá-lo), é necessário que se possa pagar o preço — e aqui se esboça o que (no próprio núcleo do desejo) se revela ser da ordem do que se chama *castração*.

No dia em que Jacques encontra limites em seu prazer de repor as peças soltas em seu lugar num automóvel (limites que são aqueles em que começa a responsabilidade do patrão a respeito do cliente), ele quer “abandonar tudo”. As observações

dos operários ele opõe amíúde o orgulho e o desprezo de classe. Reivindicando de maneira absoluta o direito ao prazer, ele não poderia admitir obstáculos no caminho da fruição nem aceitar a idéia de que um outro pudesse revelar-se mais forte do que ele. O trabalho na oficina de mecânico deixou, por outro lado, de se situar no contexto do marginal; a autorização — que se acabou por obter da administração — situa-o numa segunda etapa, ou seja, um contexto de organização administrativa e até de obrigação. A atração do proibido cedeu o lugar a uma espécie de institucionalização do marginalismo. Simultaneamente, algo foi recuperado, segundo o adolescente. Assim, se ele se vê separado de um contexto ideológico (a idéia de serviço prestado à comuna, a idéia de reciprocidade etc.), o trabalho na oficina do mecânico corre o risco de se ver convertido em equivalente escolar; nada de surpreendente, então, que o sintoma da recusa escolar surja nos próprios locais do trabalho manual (e que o discurso político do adolescente seja bruscamente o surgimento de um “instinto de classe pequeno-burguês”, resistente a toda e qualquer mudança). Desde o instante em que Jacques fracassa na realização de sua liberdade no trabalho, ele tem a impressão de que é a “sua” liberdade que se lhe procura arrebatar. Se o “prazer puro” não pode ser obtido sem entaves, o trabalho é rejeitado em nome da sua “falta de seriedade”; somente o trabalho “livre” é trabalho sério. Além disso, a responsabilidade por um carro não lhe é plenamente concedida; Jacques acusa o dono da oficina de lhe oferecer apenas um divertimento e o que ele reivindica, desde logo, é a “seriedade” do trabalho escolar.

Está muito longe de ser simples essa questão do trabalho e do que nele deverá ser salvaguardado de prazer para quem o executa. O adolescente exige o controle do trabalho por ele empreendido mas depara-se inelutavelmente com limitações a esse intento; para além do mestre real, ele defronta-se com uma relação de captura, de apreensão pela imagem do outro. Nesse tipo de relação narcisista com o outro (que Lacan designa com o que acontece estar na base da tensão agressiva), existe sempre para o sujeito uma espécie de ambiguidade e de instabilidade fundamental, como se, em certos momentos de uma experiência com o outro, ele se visse intimado a escolher: ou ele ou eu. A função de controle é prejudicada, portanto, por um equilíbrio eminentemente instável. Defrontamo-nos sempre

com algo dessa ordem quando submetemos o adolescente à prova do que chamamos realidade. É quando nos apercebemos, como um efeito, da natureza das defesas do sujeito; e o que essas defesas ocultam, em última análise, é a morte (cujo impulso está sempre em ação quando o desejo está em jogo). É justamente por isso que só uma referência a uma terceira dimensão (como o trabalho, mas apenas quando age como mediador na relação com o outro) pode ajudar o sujeito a sair de uma luta espetacular presente em toda tensão agressiva.

Propor o quê? Função do imaginário

O adolescente persegue de perto a nossa posição ideológica: ele carece de poder servir uma causa. Mas “servir uma causa” só pode ser aceito ao nível da vocação de um país; na medida em que a vocação de um país é, como diz Jacques, “cada um por si na ladroeira”, propor um ideal “não é sério”. A realidade de Jacques, Pierre e Paul é a imagem de um banditismo político em que estão inteiramente envolvidos. Que os educadores queiram opor-lhe o sonho de uma sociedade melhor e mais justa é bom para os escoteiros. As crianças querem seriedade. É o que eles nos dão por vezes a entender. O discurso coletivo (rádio, televisão) em que eles se sentem colhidos mantém-nos com frequência numa pura confrontação imaginária, da qual a única saída é a violência; portanto, a seriedade que eles reivindicam nada mais é senão o reflexo do que eles designam como “ladroeira” no adulto²⁰.

O sistema escolar, assim como o trabalho profissional, perdem seu sentido quando passam a ser um fim em si, divorciados de toda possibilidade de superação. O filho de operário expõe-se ao perigo de sentir o êxito como uma traição contra os interesses da classe a que pertence; e, de acordo com a terminologia de Althusser, “revolucionar o instinto de classe” do filho de burguês pressupõe uma ética. Esta surge da *praxis*; mas é necessário também que os seus efeitos sejam retomados no discurso coletivo pelo qual a criança é contida.

O ensino só se preocupa hoje em garantir a reprodução de papéis; mas ao estudante não se assegura sequer que venha a obter um emprego nos quadros executivos²¹. A promessa dos

responsáveis pelo ensino (os diplomatas) torna-se desse modo cada vez menos merecedora de credibilidade. Por outro lado, os jovens procuram menos a promoção social do que uma razão de viver — que nós somos cada vez mais impotentes para lhes oferecer. O discurso em que os jovens se encontram colhidos é um discurso vazio de todo conteúdo espiritual. (Já em 1867 Marx verificava que a vida dos homens tendia cada vez mais a assemelhar-se a um universo coisificado. Uma transformação só é possível, dizia ele, se os indivíduos tiverem em mão a produção e o direito de participar realmente na vida política de seu país. Ora, eles estão separados tanto de uma como de outro. Ensina-se ao indivíduo, desde a infância, a entregar o seu destino nas mãos dos mais qualificados do que ele. O que levou Lênin a dizer²² que o ensino apolítico ou não-político é uma hipocrisia burguesa destinada a ludibriar as massas.)

Todo o esforço da administração consiste geralmente em manter a criança à margem do que poderia interessar-lhe na vida real: a organização dos hospitais e dos centros de “tratamento” de diversos tipos é feita para camuflar o campo da realidade social. Assim, as crianças “tratadas” desde os 11 anos de idade no circuito da escola paralela (hospitais de dia) vão-se encontrar por vezes, aos 16 anos, definitivamente associadas e perversas, em consequência de terem recebido precocemente uma quimioterapia maciça em lugar de educação. “Vocês acreditam nos exames, nós na educação.” Assim se exprimia ainda recentemente o diretor de uma escola inglesa (oferecendo ensino à escolha do aluno, trabalhos agrícolas etc.). “Nada de mais perigoso para os outros (dizia-nos também esse homem) do que um ser em quem mataram toda vontade e extinguiram toda imaginação.”

As crianças chamadas “deficientes” estão ainda mais expostas do que as “normais” (mas os adultos também) a serem colhidas por um sistema em que a palavra é amordaçada; a repressão sofrida pelo adulto tem sempre efeitos ao nível da criança (no sintoma estabelecido).

Que se passa, inversamente, quando a ideologia não tem efeitos de morte? O que espanta os estrangeiros em Bonneuil é a calma que aí reina.

“Como se arranjaram vocês para que a parasitagem esteja ausente?” é a pergunta que ainda nos fazem.

Ora, o desejo de parasitar não existe a partir do instante em que o psicótico acha um meio de fazer coincidir o seu desejo (delírio) com uma realidade social (seja a cozinha, a mecânica ou os pequenos trabalhos caseiros), numa relação com o mundo exterior. No caso em que isso não é possível, cumpre que uma dimensão de evasão para o imaginário ou o real (fugas) possa ser introduzida (é a intrusão do adulto no mundo do autista que impede este último de abandonar o seu universo de surdez protetora).

Proscrever o imaginário é criar uma situação em que o delírio terá doravante de se desdobrar no real. Se é verdade que se alimenta uma inadaptação ao real quando se favorece o mundo da representação em detrimento do mundo da produção, não é menos verdade que a realidade do trabalho só é desejada a partir de um contexto em que qualquer coisa pode ser igualmente dita e desempenhada num Outro palco (de teatro). Alguns desejariam destruir os palcos de teatro em proveito da fábrica; esquecem que o mal-estar da nossa época está igualmente vinculado ao crescimento do anonimato (e à concentração administrativa). Os adolescentes psicóticos têm, em certos momentos, necessidade de fugir às instituições concebidas para eles, porque procuram no real a mudança radical de ambiente que, no plano imaginário, não conseguem encontrar. Precisam, às vezes, poder reconciliar-se primeiro com as pedras (num lugar “desabitado”), antes de terem acesso a um mundo em que as mãos, até aí habituadas a destruir, terão finalmente vontade de produzir.

A criança chamada “deficiente” (mas também o adulto) é um ser mais do que qualquer outro em perigo de ser colonizado. O internato aumenta o risco de “colonização”, agravando os efeitos da segregação²³. (Os professores têm por missão adaptar a criança aos seus “limites”. Tudo concorre para criar e manter a classe dos “deficientes” — como se a sociedade necessitasse dela.)

Por isso a fórmula de internato foi rapidamente abandonada em Bonneuil, em proveito de uma solução de famílias de acolhida que hospedassem à noite aquelas crianças que não podiam voltar para a casa de sua própria família. As crianças têm a tal ponto necessidade de diferentes lugares que certas autistas puseram-se a falar para significar que estavam à espera de que viessem buscá-las. Teríamos desejado para os adolescentes uma

hospedagem nos lares de trabalhadores (isso ter-lhes-ia permitido escapar aos efeitos de uma célula familiar reduzida); mas a administração opôs-se a isso. Nunca será demais repetir que a administração se conduziu como uma *mãe de psíquico*: ela freia toda e qualquer inovação. Um poder tecnocrático ocupou o lugar de um discurso científico.

Podemos avaliar (quando da publicação de nossa "Carta Aberta aos Ministros") a solidariedade do público nos problemas que nos interessavam (recusa da administração em conceder aos adolescentes o direito de continuarem a efetuar estágios no mundo do trabalho). Sentimo-nos todos preocupados (escrivem professores, médicos, psicólogos, pais) com o problema do prolongamento da idade escolar²⁴. Toda uma categoria de crianças desejaria receber uma formação profissional precoce nos próprios locais de trabalho.

A recusa de escolaridade é, paradoxalmente, para certos adolescentes, recusa a permanecerem prisioneiros de uma situação em que não se aprende nada do que seria útil na vida. As crianças armazenam conhecimentos fora da escola; na escola, aprendem a manter-se nos trilhos de uma domesticação (a criança é condicionada para "ajustar-se aos seus limites", em vez de ser ajudada a derrubar esses pretensos limites). Mas toda educação extra-escolar, como Illich o demonstra, torna-se nociva à legalidade: "As escolas doutrinam a criança para que ela aceite o sistema político que os professores representam, embora se apressem a proclamar que o ensino é apolítico."

Hoje em dia, os jovens rejeitam a doutrinação e reclamam razões para viver. Toda a concepção da educação precisaria ser revista. Mas tocar nesse problema é atentar contra uma verdadeira religião. Entretanto, é difícil realizar uma obra de inovação sem tocar na instituição escolar porquanto é ela, justamente, o alvo de toda a contestação (os remanejamentos e as reformas internas nada mudam à essência do problema). Essa situação recorda em numerosos pontos o contexto em que os psiquiatras institucionais realizaram suas investigações na França: a pesquisa viu-se limitada na medida em que o discurso deles deveria continuar a ser o fiador da instituição (e da psiquiatria). Toda uma prática psiquiátrica se encontrou pervertida; cada vez se orienta mais, na hora atual, para uma medicalização abusiva do não-médico²⁵.

Lugar de vida, lugar de formação

O trabalho efetuado em Bonneuil com casos de psiquiatria "pesada" (mas também com crianças "normais" em revolta contra o "sistema") abre um campo a toda uma linha de pesquisas no domínio da educação. Longe de ser garante da instituição, essas pesquisas visam estourá-la.

Se em Bonneuil a psicanálise nos fornece pontos de referência, ela não é utilizada ao nível das técnicas de psicoterapia. Ocorre que as crianças sentem a necessidade de falar a um analista; isso acontece sempre fora da escola; é também fora da escola que uma ou outra vai procurar junto de um estudante²⁶ uma ajuda no plano escolar. É-lhes propiciada assim uma possibilidade de iniciar, fora da instituição, transferências múltiplas e de escapar desse modo à armadilha que toda instituição (familiar, escolar etc.) constitui, quando tem por núcleo a criança. A maior parte dos adultos de Bonneuil não está em análise; entretanto, eles são modificados pelos efeitos de um certo discurso que aí tem curso²⁷. O papel desempenhado por Rose-Marie e Yves Guérin foi importante; eles souberam sempre encontrar a palavra justa nos casos mais graves. A formação profissional de ambos era das mais reduzidas; tiveram, sobretudo, a oportunidade de não ter sido deformados e de se sentir imediatamente em pé de igualdade com o universo das crianças loucas. Colocados em posição de responsáveis, souberam fazer o jogo com extrema simplicidade²⁸.

Todo o problema da formação se encontra simultaneamente equacionado²⁹. A hierarquização administrativa tem por principal efeito impedir as pessoas de terem acesso ao saber — e isso não está livre de efeitos quando esses mesmos adultos têm crianças sob sua responsabilidade. O adulto "adaptado aos seus limites" poderá agir de outro modo senão manter a criança nos limites que, por sua vez, se lhe traçam?

O aperfeiçoamento de estruturas administrativas cada vez mais especializadas e anônimas arrisca-se a tornar um dia impossível toda vida que não tiver sido previamente programada por um computador.

Professores, terapeutas, estudantes, são cada vez em maior número os que querem reinventar ocupações que, dia após dia, vão ficando mais inadequadas à situação atual. Reinventar a sua ocupação significa contestar as estruturas em que estamos (com

os alunos e os pacientes) aprisionados. Talvez porque não existe mais de que viver em nosso trabalho na hora atual, os lugares de acolhida (em contraste com os lugares de "tratamento") tendem a nascer na França, lugares à margem do estabelecido, a partir dos quais podem ser reinterrogadas as estruturas gerais. Um dia, sem dúvida, isso exercerá efeito sobre a política, a educação, a psiquiatria e a economia, sustentáculos de uma forma de equilíbrio a que estamos submeitados⁸⁰.

Notas

1. Era necessário conhecer os pastores; eles podem oferecer isolamento e a mudança radical de ambiente que é cada vez mais difícil de encontrar entre os camponeses prestes a converterem-se em industriais da terra (o que altera até a relação deles com o tempo, os animais e as pessoas).
2. Deligny sempre nos ajudou, até — e sobretudo — nos casos graves.
3. Esse regresso ao universo social (o encontro banal com as pessoas do bairro) traduz-se pela busca de um *olhar* proveniente daquele que se supõe saber quem é o sujeito ("normal", "louco" ou "perverso"). Na medida em que os rumores públicos apontam Pierre como perigoso (em Bonneuil), ele não se encontra em segurança em parte alguma. O menor gesto corre o perigo de ser interpretado (fantasma) pela população como gesto homicida, colocando assim o adolescente à mercê de uma denúncia ou de um chamado para a polícia. No espelho que lhe devolve a imagem da afobação de outrem, Pierre vê-se, portanto, como espectador de um jogo em que, enquanto ator, ele é aquele que desafia todas as leis. Esse desafio encarnado por Pierre é o que é percebido pelo olhar do Outro; e, por conseguinte, o pânico manifestado por este ou aquele morador do bairro torna presente o perigo de morte. Apon-tado como perigoso, Pierre torna-se, na verdade, perigoso, num derradeiro esforço para se proteger de um risco de separação (do objeto amado). Paradoxalmente, é essa separação-rejeição que ele provoca, chama e repete. Como

4. Evitar a materialização dessa rejeição? Eis a questão com que nos defrontamos cotidianamente.
Em Bonneuil, as vedações surgem por todos os lados. A tolerância dos habitantes dos grandes conjuntos é nula; se, por outro lado, se mostram gentis, é na condição de que não os perturbem. A ajuda que nos foi oferecida (trabalho em casa de artesãos) foi-nos retirada assim que nos defrontamos com a primeira dificuldade imposta pela administração (a recusa da Previdência Social em matricular as crianças).

A administração (quer se trate da prefeitura ou da academia de Val-du-Marne) também levanta as suas próprias barreiras de proteção. Cada órgão vive na obsessão de se "cobrir" em face de uma instância superior. A irresponsabilidade administrativa, a lei do capricho que é a sua, tem verdadeiramente efeitos psicotizantes. A administração foi responsável pela "descompensação" de algumas de nossas crianças, as quais se encontraram, por causa dela, numa situação persecutória que se pode qualificar de "insustentável".

5. R. Linton e Abraham Kardiner, *The Individual and his Society*, Nova Iorque, 1939.
6. G. Devereux, *Essai d'Ethnopsychiatrie*, *op. cit.*
7. No não-dito da instituição familiar e escolar existe uma desconfiança a respeito de quem não faz parte da instituição. Na medida em que o interesse do adulto só se encontra polarizado por seus pequenos problemas pessoais que gravitam em torno da criança, esta última, colhida em um nó de tensões, só pode encontrar saída na violência (iniciativa que a protege contra o medo de um mundo que ela sente como hostil). Toda instituição separada de um interesse que a suplantaria possui efeitos mortíferos; entretanto, é por esse caminho patogênico que hoje se envereda na França.
8. Alexandre Koyré, *Études d'histoire de la pensée philosophique*, Ed. Gallimard, 1971.
9. Foram realizados experimentos em Miliwaukee (Universidade do Wisconsin, Howard Garber) com dois grupos de recém-nascidos negros de mães "dêbeis". Metade dos bebês ficou com as mães. A outra metade foi entregue de dia a educadores e confiada à família de noite, tendo as mães

recebido paralelamente uma formação pedagógica. As crianças deste último grupo atingiram um QI de 125, ao passo que as do primeiro grupo dificilmente chegaram a um QI de 90. O meio ambiente (o fator sócio-econômico e cultural) é, portanto, de uma importância maior do que a qualidade dos cromossomos. A desigualdade começa no berço.

Esta tese, desenvolvida por H. Garber, pareceria dar razão aos adeptos da "redução precoce". Trata-se evidentemente de uma coisa muito diversa. As mães do segundo grupo foram, em primeiro lugar e antes de mais nada, retiradas das condições de vida alienantes em que se encontravam até então. Desembaraçadas, durante o dia, do peso das crianças, ao abrigo da miséria e corretamente alojadas, elas estavam disponíveis à noite para ouvir seus filhos e falar com eles.

10. Foi o que George Jackson (*Les Frères de Soledad*, Ed. Gallimard) ilustrou maravilhosamente nas cartas escritas à sua mãe desde a prisão: "Nunca se preocuparam em considerar que poderíamos ser outra coisa distinta daquilo que desde o princípio nos foi destinado ser. (Pego eletrônica ou desenho industrial, respondem-me que seja realista.) Deves compreender inteiramente que temos pouco ou nenhum controle sobre as nossas próprias vidas... Quando nasci, eu não sabia exatamente coisa nenhuma. E não tive ninguém para me explicar as coisas verdadeiramente importantes. Os sistemas escolares estão 'montados' para ensinar aos jovens 'o que se deve pensar' e não 'como pensar'".

"Robert nunca teve tempo sequer de dizer bom dia; e nenhum de vocês sabia o bastante para me fornecer fosse o que fosse porque, de qualquer modo, os seus pais nada sabiam.

"Não vêes que isso nos leva à verdadeira origem do mal: a alienação e o abandono, a pressão exterior, o sistema e aqueles que o sustentam? Robert não o sabia, tu não o sabias e eu tampouco sabia disso; logo é preciso voltarmos para aqueles cuja missão consiste em assegurar uma melhor reparação dos bens da sociedade."

11. *Mythologiques III*, "L'Origine des manières de table".

12. Se em Bonneuil o eixo da casa gira em torno de um casal, este possui sua vida própria e seus filhos, e a casa per-

manece sempre aberta para todos. Esta capacidade de acolhida de estrangeiros e estudantes converteu a casa num lugar não fechado sobre si mesmo (embora isolado na comuna). Bonneuil — que nisso difere da instituição familiar — não procura "conservar" os "seus filhos". Longe de se oferecer como lugar idealizado, Bonneuil oferece-se como encruzilhada, paradoro ou trampolim para uma vida que, em vez de ser confiscada à criança, lhe é de certo modo "entregue". O que lhe é entregue é a noção de futuro (numa criança às vezes despojada de presente e desligada de um passado).

É em tal contexto que se deve situar a noção de que, mais dia menos dia, Bonneuil (e os lugares que serviram de postos de trânsito) acaba sendo "vomitado". Nesse dia, a criança sente-se no direito de abandonar um lugar para pôr em prática um projeto que lhe diz respeito. O "reconhecimento" em relação ao adulto "a quem tudo se deve" passa primeiro pelo impulso de morte. Num dado momento, a criança adquire a capacidade de se separar de uma realidade gratificante (a que está unicamente submetida ao princípio de prazer); essa capacidade é adquirida pela simbolização.

A adaptação não é proposta como finalidade. Cria-se uma situação que permite à criança desligar-se do puro registro da necessidade (e da coexistência de uma realidade), para situar-se mais corretamente em relação ao que o id quer dela no registro do desejo (é então que se destaca uma relação com o verdadeiro). O "eu quero" emerge sempre como efeito do significante. Opõe-se ao "ego quer" (que é o *ele quer* da identificação imaginária). O perigo das microsociedades — perigo a que procuramos fugir — está em colher pacientes e terapeutas na armadilha das identificações imaginárias, que é ilícito qualificar de "paranóicas".

13. Houve passagens ao ato (*acting out*), crises de epilepsia; telefonamos avisando o que se passa, a intervenção policial foi sempre a exceção.

14. Os adolescentes de Bonneuil foram solicitados, de uma parte pelo que se tentou criar em redor dos animadores culturais numa localidade próxima das "Émoultenses", de

outra parte, pelas atividades organizadas pela comuna de Créteil em Mont-Mesly.

Aí estavam dois mundos: um, polarizando a desordem, a violência, o mito do crime; o outro, o mundo burguês ordenado e asséptico. O sentimento de solidão, o do "faz de conta", estavam presentes de um lado e de outro. Uns brincam de cínicos e duros, os outros cultivam a ilusão do entendimento. O que se organiza ao nível das festas e atividades culturais permanece marcado pelo não-ser, o nada (desolação de um lugar regularmente destruído) ou aquele cumho de inautenticidade tão próprio dos lugares mais opulentos. Em uns e outros, tudo parece organizado pela administração para que o id não se manifeste — e, quando se manifeste, que seja apenas ao nível do sintoma. Algo desse trajeto pôde, entretanto, ser retomado em seguida com as crianças em Bonneuil. Foi reatado o drama de viver num "não verdadeiro" que acabava por gerar "mútuos", segundo o dizer de alguns.

15. "Você faz mal, disse-me um sociólogo, em opor o mundo interior da instituição ao mundo exterior. Você tem o mundo exterior (sob a forma de intrusão da Previdência Social etc.)."

Este argumento é geralmente usado para me notificar de que "tenho tudo aqui". Lançar meus olhares para outro lado, facilitar a evasão dos adolescentes de um lugar que eles mesmos apontam como segregativo, seria, segundo o meu interlocutor, dar provas de idealismo, até mesmo de espírito escoteiro.

"Eu vivi, recorda Deligny de bom grado, em instituições onde tudo estava dentro: a escola, a capela, a cervejaria, os jardins, as vacas e os porcos... tudo, inclusive a morgue. A morgue mas não o cemitério."

16. Cf. mais adiante (cap. 11), uma carta ao prefeito que ficou sem resposta.

17. L. Althusser, "La Philosophie comme arme de la révolution", em *La Pensée*, nº 138, abril de 1968.

18. Lucien Goldmann, *La Création culturelle dans la société moderne*, Denoël/Gonthier, 1971 (desenvolvido por L. Goldmann).

19. Rossana Rossanda, "Thèse sur l'enseignement", em *Il Manifesto*, Ed. du Seuil, 1971.

20. "A educação" consideraria necessária tornar as crianças tolerantes da "ladroeira"? Isso cria problemas terríveis.

21. Rossana Rossanda, *Il Manifesto*, Ed. du Seuil, 1971.

22. Lênin, *Oeuvres*, vol. III, p. 490, Ed. du Progrès, Moscou.

23. Não é inútil recordar aqui (cf. Ph. Ariès, *L'Enfant et la Vie Familiale*, Ed. Plon) que, no século XVI, os escolares viviam, nos lares dos burgueses da cidade, uma vida de *adultos celibatários*. Só no século XVIII é que se desenvolveu a idéia do internato. A finalidade do internato era segregativa; tratava-se de encerrar a criança no mundo da infância. O internato tinha que formar as crianças de que a sociedade precisava. No século XIX, foi à família conjugal reduzida que se transferiu a missão de enquadrar o moral, em uso nos colégios.

24. "O que me impressiona, escreveu-nos um professor, é que após um ano ou dois de escolaridade, em nosso país, essas crianças ("normais") estão consideravelmente mais "embrutecidas" do que ao chegarem. Parece-me evidente que não só uma escolaridade normal não lhes fornece verdadeiramente nada mas que, além disso, o conjunto de seus mecanismos psicológicos é desregulado. Tenho a impressão de que, para essas crianças, o ambiente "classe" é que constitui um meio hostil... elas só podem encontrar condições favoráveis ao desenvolvimento de seu ser fazendo coisas verdadeiras num conjunto de atividades que não sejam entendidas como artificiais, isto é, uma oficina, um escritório (lá fora)... Estou persuadido de que a arregimentação indiscriminada na escola até aos 16 anos é nefasta para, no mínimo, 5% das crianças "normais".

25. A desvalorização do *status* de psicólogo (decreto de dezembro de 1971) deixa presumir a orientação ideológica que se pretende dar à pesquisa (trabalhos essenciais como os de Michel Foucault continuaram sendo letra morta para a administração, a qual organiza o "tratamento" e a "reeducação" segundo critérios científicos do século passado).

O VI Plano prevê o estabelecimento de estruturas médico-repressivas de estrangulamento de todo o setor da infância. A noção de "deficiência" acabou por atingir o mundo do trabalho, onde um circuito especializado foi criado para prolongar os efeitos da segregação escolar.

26. Bruno e Nathalie Mammoni, na época em que ainda eram estudantes. O estudante, que nada destina ao ensino "primário", suporta tão mal quanto o seu aluno as limitações e coerções do programa. Chega mesmo a perguntar-se por que miagre pode ele, estudante bem dotado, escapar a "debilidade" de que sofre o seu aluno. Não será essa, pergunta-se o estudante a si mesmo, a única maneira de que a criança dispõe para resistir ao tédio (mortal) de um programa vivido pelo aluno (e seu professor) como totalmente obsoleto e absurdo?

E o aluno quem lhe dará a resposta a essa questão.

Um escolar que, aos 14 anos de idade, apenas possui (apesar das múltiplas "reeducações" de que foi alvo) um nível de escolaridade primária, só se abrirá para os "problemas" se lhe dermos primeiro o direito e os meios de criticar de forma radical o saber, tal como o concebemos. E da sua prática (se ele tiver a possibilidade de trabalhar com um artesão) que ele fará surgir, de sua livre e espontânea vontade, as questões teóricas necessárias à sua formação (ou à sua sobrevivência: o cálculo de 12% para não ser enganado). A interrogação que ele não deixará, portanto, de formular é esta: "Por que são precisos tantos anos para aprender de maneira complicada aquilo que é tão simples?" Este gênero de perguntas, dir-me-ão, só pode ser formulado, evidentemente, por crianças "débeis" ou "psicóticas"...

27. É através do seu próprio fantasma que cada um entra no palco de uma instituição (mesmo que esta se apresente como antiinstituição). É preciso saber aprender a realidade de cada um (realidade submetida ao princípio de prazer), em sua insistência repetitiva, a fim de se poder destacar a verdade do discurso sintomático que se apresenta. Os adultos são levados a reproduzir as lutas da fratria no palco da instituição, a transpor para aí suas dificuldades pessoais, até a reivindicar inconscientemente um "tratamento". É desse banho "psi" (o discurso imaginário presente em todas as instituições) que procuramos desembaraçar-nos numa relação com o trabalho e a pesquisa. Uma certa relação com o trabalho (prática teórica) age como terceiro elemento e permite evitar os efeitos de um impulso de morte, sempre presente onde o desejo esti-

ver em jogo. Quando os indivíduos se vêem colhidos na armadilha de um nó imaginário de tensões, a relação com o saber vê-se estancada ou pervertida (aliás, vê-se aí o reflexo de mecanismos existentes na criança, mecanismos de defesa que recebem o nome de "bloqueio escolar", "debilidade mental" etc.). Importa preservar, para além das pessoas, o sentido de um trabalho (que não pode ter a criança "doente" por único alimento) e de uma mensagem (que só tem sentido ao ultrapassar os interesses de um grupo profissional). A pluralidade de reuniões e de contactos com o exterior (o encontro de outros terapeutas com Lefort, de outros estudantes com Fedida) permitiu escapar aos efeitos paralisantes do quadro institucional.

A recusa em fazer de Bonneuil o teatro rogeriano onde se desenrolaria o drama da "comunicação bloqueada" dos adultos, permitiu transpor o patológico para um outro nível, o de um "fazer" criador, e assim escapar à coisificação e ao culto do sintoma (os efeitos de uma tal posição lêem-se ao nível do dinamismo das crianças, o qual não pode deixar de encontrar-se bloqueado se a instituição "estourada" se transformar em microsociedade calcada sobre o modelo da família, veiculando nesse caso um mesmo tipo de discurso conflitante e de segredos).

Os estudantes (que, no correr dos anos, deixaram de ser estudantes) sempre tiveram a plena responsabilidade do que desejavam criar. Um grupo estável permaneceu conosco durante cerca de quatro anos; com elementos desse núcleo deveriam poder criar-se outros Bonneuil. Esbarramos então com um problema económico e político: esse tipo de empreendimento marginal não pode ser generalizado sem subverter as estruturas administrativas que nos regem e sem contestar a gestão económica da instituição, gestão essa que não pode (sem efeitos incômodos) ser mantida fora do campo da análise.

Os pequenos comerciantes e artesãos, mas também os que conduzem a gestão de uma instituição no modo da exploração familiar agrícola (e que se encontram, de fato, em situação de exploração), são propensos (na medida em que não interfire a consciência de classe) a desejar apenas reformas limitadas, numa ótica de "cada um por si". As "baionetas ideológicas", como Lukacs nos mostra, "vêm

então reforçar as batonetas reais do Estado". E todo um conceito de ordem que se acha interiorizado e cujo efeito sobre os membros da equipe pode ser vivido como violência.

As investigações realizadas por Simone Benhaim fazem ver que o pretense "vivido" numa instituição não poderia traduzir-se em termos exclusivamente psicológicos ou sociológicos. A verdade do que se designa como "vivido" remete à realidade econômica da instituição e ainda mais quando ocorre pressões para subtraí-la do campo da pesquisa. O discurso "psi" só pode, nesse caso, servir de caução *para aquilo que deve ser mantido oculto*. É isso o que a administração espera do "psi". Se ele se recusa, diz-se-lhe que ele "sai de sua posição de analista". Será que a análise se tornou, hoje em dia, mais tranquilizadora para a administração do que as ciências econômicas?

28. Para que a casa chegue a viver com um orçamento dos mais reduzidos, Yves Guérin teve de acumular as funções de motorista (levantar-se às 6 h da manhã para apanhar de carro as crianças), de educador, de jardineiro, de carpinteiro e administrador (encarregado dos contatos com todas as instâncias administrativas); a própria Rose-Marie, para enfrentar os transtornos burocráticos da Previdência Social, teve de reduzir, em certos momentos, as funções que ela amava (educadora), para se dedicar a um labor estéril de burocracia administrativa (labor de que dependiam os "acordos", de que dependiam os abonos pagos diretamente pela Assistência Sanitária e Social aos pais).

A soma de trabalho fornecido colocou o casal, em dado momento, numa situação que se pode qualificar de persecutória: eles eram os explorados. Essa situação pôde suscitar críticas por parte de sociólogos que a compreendiam superficialmente.

Se o casal Guérin tivesse reivindicado alguma coisa, não teria sido ganhar mais e sim, uma vez garantida a segurança, uma parte igual no puro interesse do próprio trabalho. Ora, as restrições impostas pela administração tendiam a empurrar Yves e Rose-Marie Guérin para um alienante labor de rotina, dando-lhes por vezes a impressão de que suas vidas tinham sido confiscadas pela instituição.

29. Podem os educadores permanecer por muito tempo ao abrigo de uma deformação ligada à própria função de educador? No caso afirmativo, a que prego? No caso negativo, por quê? Estas questões capitais não podem ser dribleadas, se houver a preocupação de manter as condições necessárias a uma contestação ou um questionamento contínuos.

30. O nosso tipo de sociedade está fundado numa hiper especialização responsável pela divisão do trabalho, separação de funções e hierarquia cada vez mais comparimentada. São concedidos plenos poderes aos tecnocratas que (como assinala M. A. Macciocchi, *Tel Quel* 48/49) se fizeram responsáveis pela gestão da sociedade quando havia necessidade de competência social e de transformação das estruturas. Somente uma ruptura do processo atual de cristalização das estruturas burocráticas pode incutir um novo impulso à invenção, ao entusiasmo das massas.

Como sublinha também Maria Antonietta Macciocchi, o problema situa-se menos ao nível da modificação jurídica de uma forma de propriedade (passagem da propriedade privada para o Estado) do que ao nível de uma iniciativa real dada aos trabalhadores, num processo de produção que não continuasse a ser-lhes estranho.

O estabelecimento do aparelho administrativo francês no domínio da Educação Nacional e da Saúde colocou o professor e o terapeuta em postos de irresponsabilidade. Dá-se-lhes uma ilusão de autonomia; na realidade, todas as saídas estão bloqueadas. No mundo administrado (como nas famílias dos psicóticos) instalou-se um potencial de violência.